



BOLETIM Nº 3

Boletim eletrônico trimestral sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho,
a partir dos dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE.

Elaboração: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM).

Apoio: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Divulgação: Junho/06.

1. Introdução:

Desde dezembro de 2005 a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) com o apoio da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vem divulgando o boletim eletrônico **Mulher e Trabalho** com base nos microdados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME). Este boletim integra o conjunto de ações que a SPM tem desenvolvido no sentido de informar à população sobre a situação das mulheres, no que se refere às condições de vida, trabalho e desigualdade. Além disso, as informações estatísticas divulgadas têm um importante papel não somente de retratar a realidade do país, mas de subsidiar o processo de formulação, implementação e monitoramento das políticas públicas.

Este terceiro número do boletim **Mulher e Trabalho** traz indicadores sobre a condição de trabalho das mulheres nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2006, dando continuidade às análises realizadas nos números anteriores. Os indicadores apresentam desagregações por faixa etária, grupos de anos de estudo, posição na ocupação, além do recorte por sexo e cor.

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres





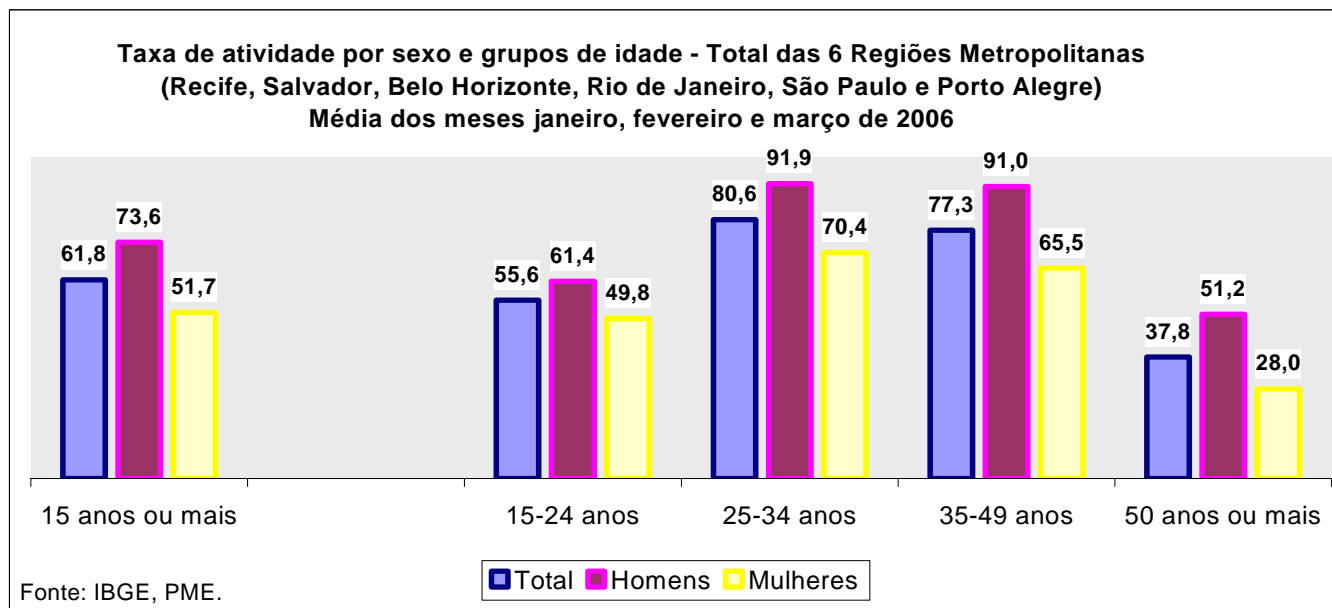
2. As mulheres no mercado de trabalho metropolitano brasileiro no primeiro trimestre de 2006

Os resultados para o primeiro trimestre de 2006 no mercado de trabalho metropolitano apontam para um comportamento do emprego já esperado para esse período do ano, quando terminado o aquecimento das vendas de fim de ano, o emprego sofre uma retração. No entanto, se observou que esse incremento na força de trabalho no quarto trimestre de 2005 ocorreu entre as mulheres e jovens de 15 a 24 anos de idade, principalmente nos setores de serviços prestados às empresas, administração pública, educação, saúde e serviços pessoais e outras atividades. Mas neste início do ano, a participação das mulheres no mercado de trabalho nesta faixa etária se reduziu a um nível abaixo do verificado para o terceiro trimestre de 2005, quando se iniciou a divulgação deste boletim.

A população em idade ativa (PIA) das 6 regiões metropolitanas do país (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro São Paulo e Porto Alegre) neste primeiro trimestre de 2006 era de 32,2 milhões de pessoas, onde 14,9 milhões eram homens e 17,3 milhões eram mulheres. Esse contingente de pessoas, com idade para participar do mercado de trabalho, apresenta diferenciações quanto à composição etária. Entre os homens, a maior parcela da população em idade ativa está na faixa etária de 35 a 49 anos de idade (27,9%), enquanto que entre as mulheres 30,5% da população está na faixa etária de 50 anos ou mais de idade. Por outro lado, na população economicamente ativa, que é a população que participa do mercado de trabalho seja na condição de ocupada ou procurando emprego, tanto para homens quanto para mulheres a maior parcela de pessoas estava concentrada na faixa etária de 35 a 49 anos de idade (34,4% e 35,3%, respectivamente).

A análise da taxa de atividade por grupos de idade revelou uma redução da participação da taxa de atividade feminina para 51,7%, um nível inferior do observado para o terceiro trimestre de 2005, que era de 52,1%. Entre as mulheres que se declararam de cor branca a redução foi de 0,4 ponto percentual e de 0,3 ponto percentual entre as pretas e pardas. Mas entre as mulheres pretas ou pardas, a maior redução foi observada para as jovens de 15 a 24 anos de idade (0,6 ponto percentual), cuja taxa de atividade neste primeiro trimestre de 2006 ficou em 47,8% (Gráfico 1).

Gráfico 1:



Na análise por cor, se observou que a redução das taxas de atividade feminina na faixa etária de 15 a 24 anos de idade ocorreu principalmente entre as mulheres de cor preta ou parda. Uma redução de 1,1 p.p. em relação ao quarto trimestre de 2005 e de 0,7 p.p. em relação ao terceiro trimestre de 2005. Por outro lado, é importante destacar o crescimento da participação no mercado de trabalho das mulheres pretas e pardas na faixa etária de 25 a 34 anos de idade (Gráficos 2 e 3).

Gráfico 2

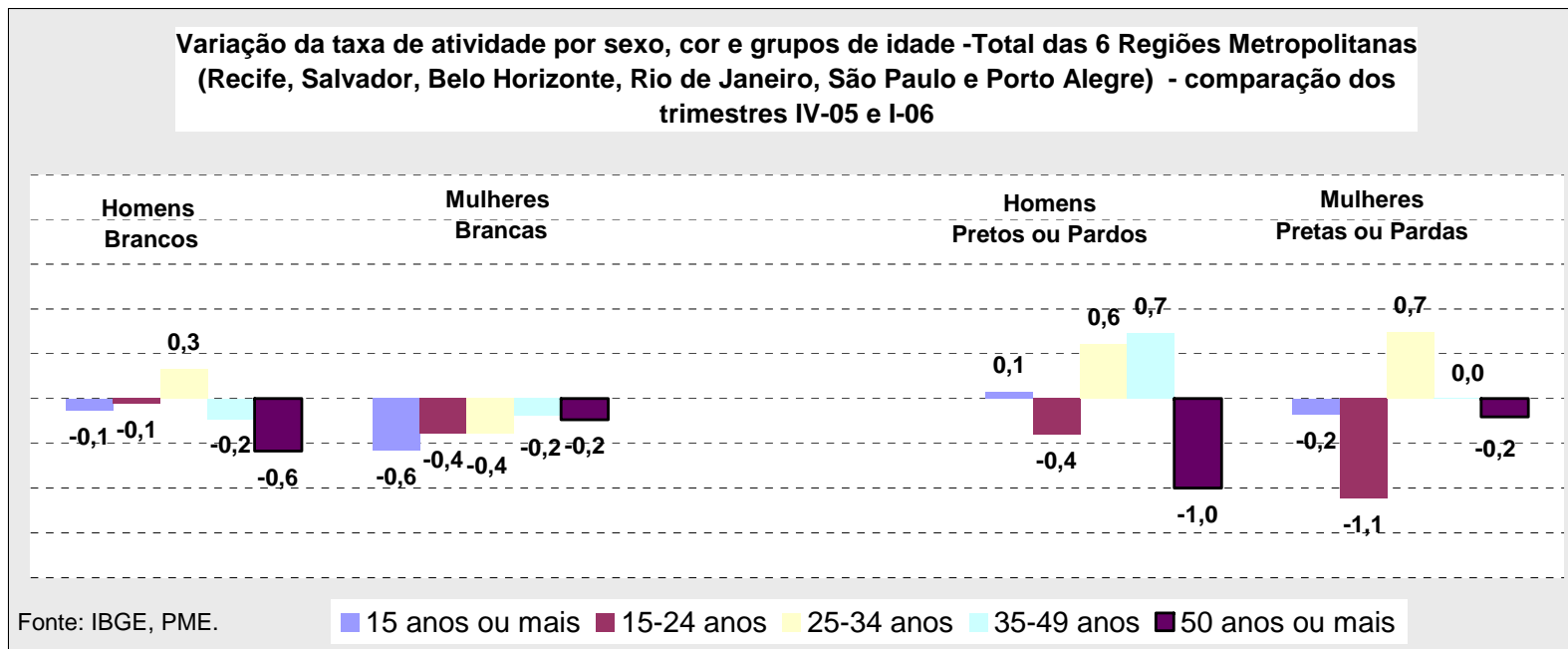
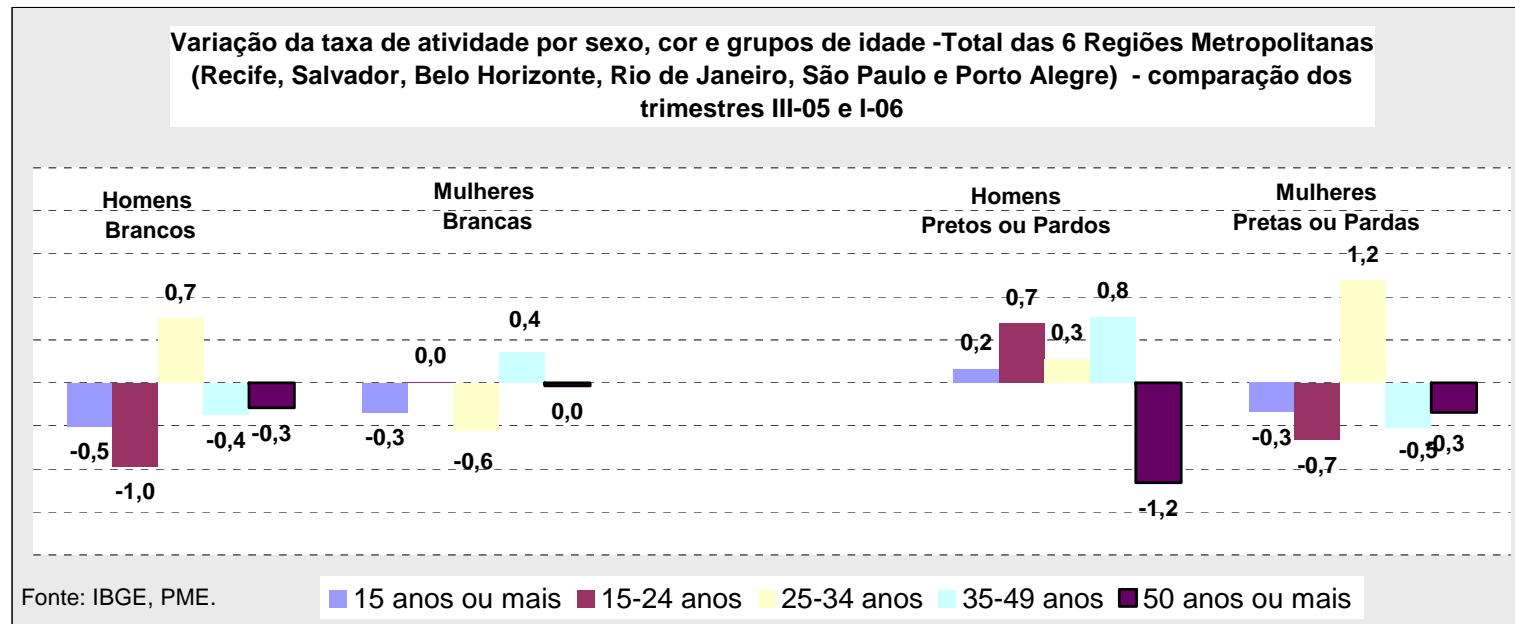


Gráfico 3



Com relação a participação no mercado de trabalho segundo a escolaridade, se verificou nos três últimos trimestres analisados uma maior redução da participação da população feminina com o fundamental completo e ensino médio incompleto. No terceiro trimestre de 2005 a taxa de atividade desse grupo era de 46,4%, passando para 46,5% no quarto trimestre de 2005 e atingiu o nível de 45,1% nos primeiros meses de 2006. Essa redução ocorreu principalmente entre as mulheres de cor preta ou parda que, neste nível de escolaridade, comparado ao terceiro trimestre de 2005 reduziram a participação em 2,3 p.p. e de 1,8 p.p. se comparado com o último trimestre de 2005 (Gráficos 4, 5 e 6).

Gráfico 4:

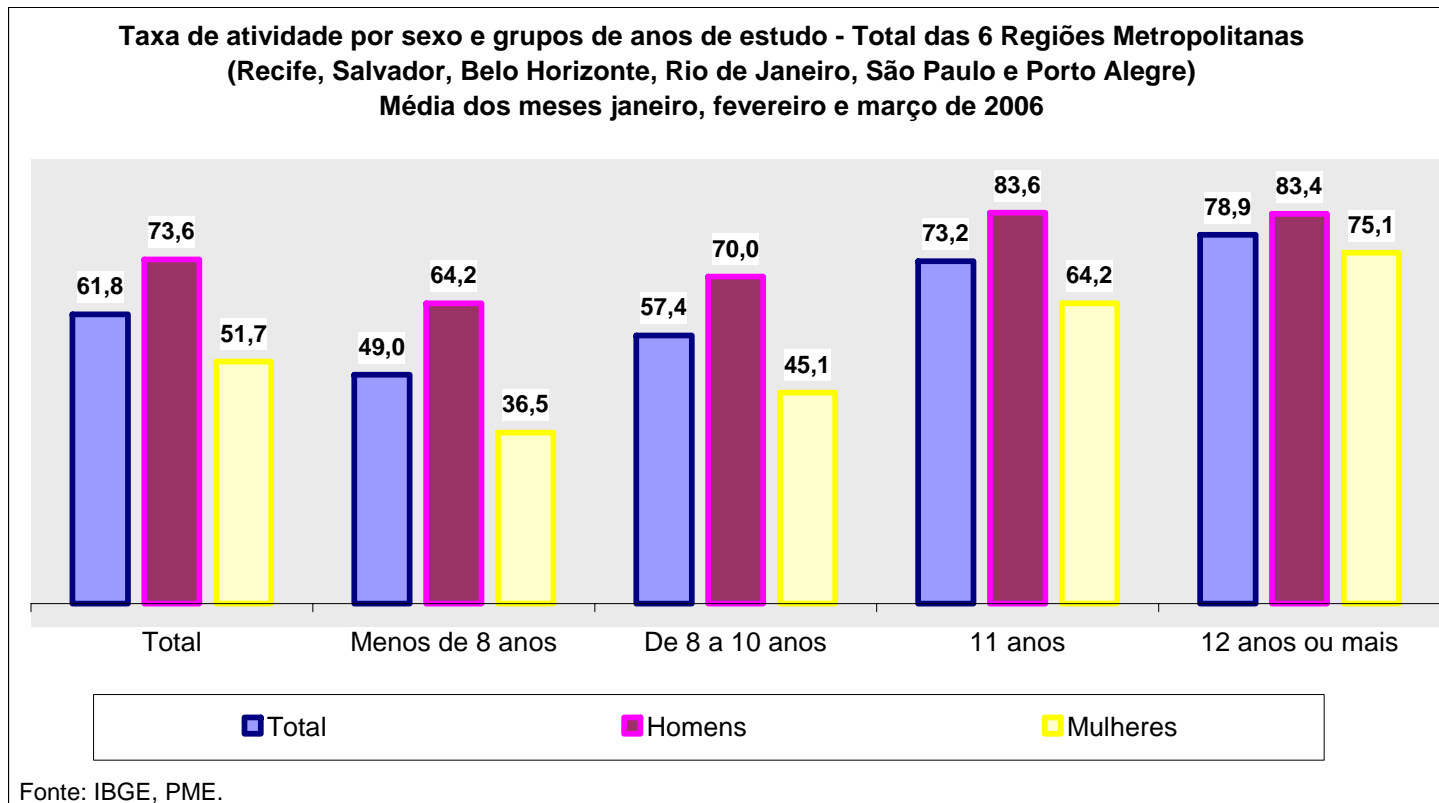
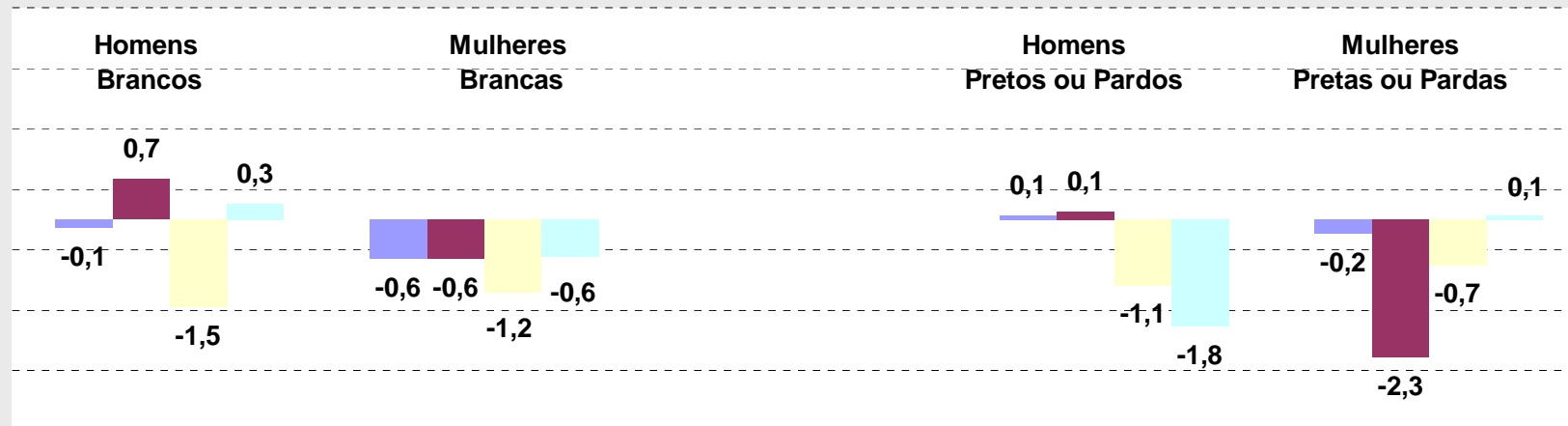


Gráfico 5:

Variação da taxa de atividade por sexo, cor e grupos de anos de estudo -Total das 6 Regiões Metropolitanas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) - comparação dos trimestres IV-05 e I-06

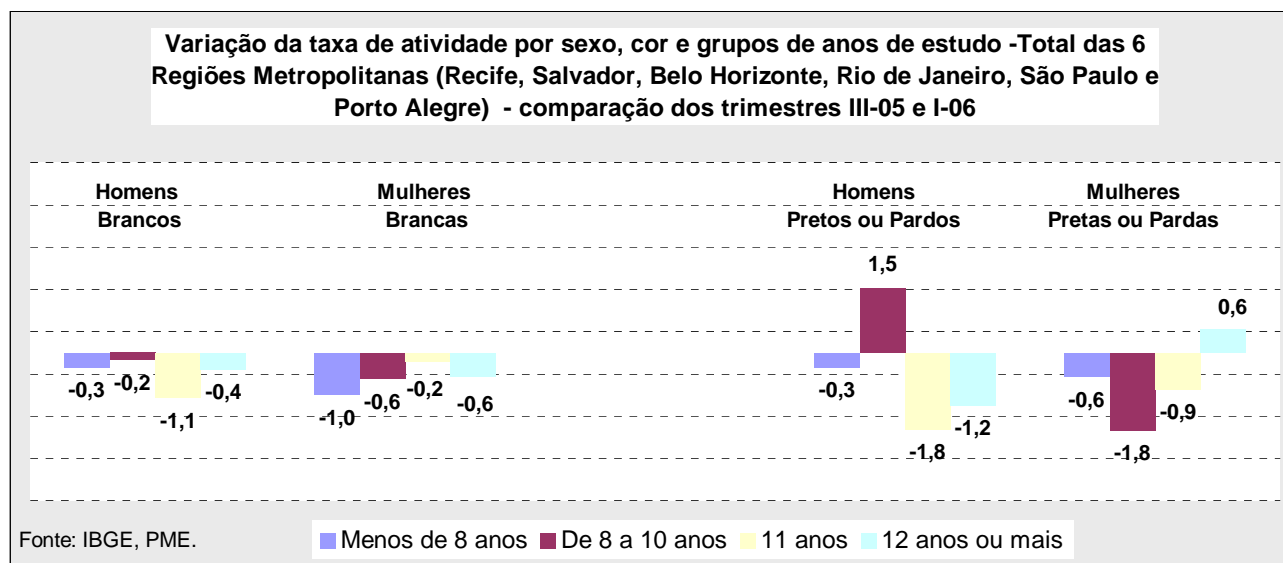


Fonte: IBGE, PME.

Menos de 8 anos De 8 a 10 anos 11 anos 12 anos ou mais



Gráfico 6:



Outro aspecto que chamou atenção nesse período foi a redução da participação da população com o ensino médio completo (11 anos de estudo) que, embora nos últimos três meses de 2005 tenha sofrido um aumento, no primeiro trimestre de 2006 sofreu uma redução acima do ganho obtido no fim do ano (1,1 p.p.).

Com relação à distribuição da população ocupada por posição na ocupação podemos observar que o emprego com carteira nas áreas metropolitanas absorve grande parte da população ocupada, atingindo o nível de 47,3% dos homens ocupados e 37,7% das mulheres ocupadas no primeiro trimestre



de 2006 (Gráfico 7). No caso das mulheres, um contingente expressivo está no trabalho doméstico (17,6%), sendo que 66,6% delas não possuem carteira de trabalho assinada. Cabe ressaltar que no terceiro trimestre de 2005 essa proporção era de 65,4%.

A análise da distribuição do emprego por posição na ocupação e cor entre as mulheres revela que o emprego formal (com carteira) é mais representativo entre as mulheres de cor branca (41,0%), enquanto que no emprego doméstico, as mulheres de cor preta ou parda representam mais que o dobro do percentual verificado para as mulheres brancas (26,3% contra 11,6%) (Gráfico 8).

Ao comparar o primeiro trimestre de 2006 com os dois últimos de 2005 observou-se que o emprego sem carteira e por conta-própria sofreu uma redução no período, acompanhado de um crescimento do emprego formal (com carteira). Sendo que a redução do emprego sem carteira atingiu principalmente os homens, enquanto que houve uma queda mais acentuada do trabalho por conta-própria entre as mulheres (Gráficos 9 e 10).

Gráfico 7:

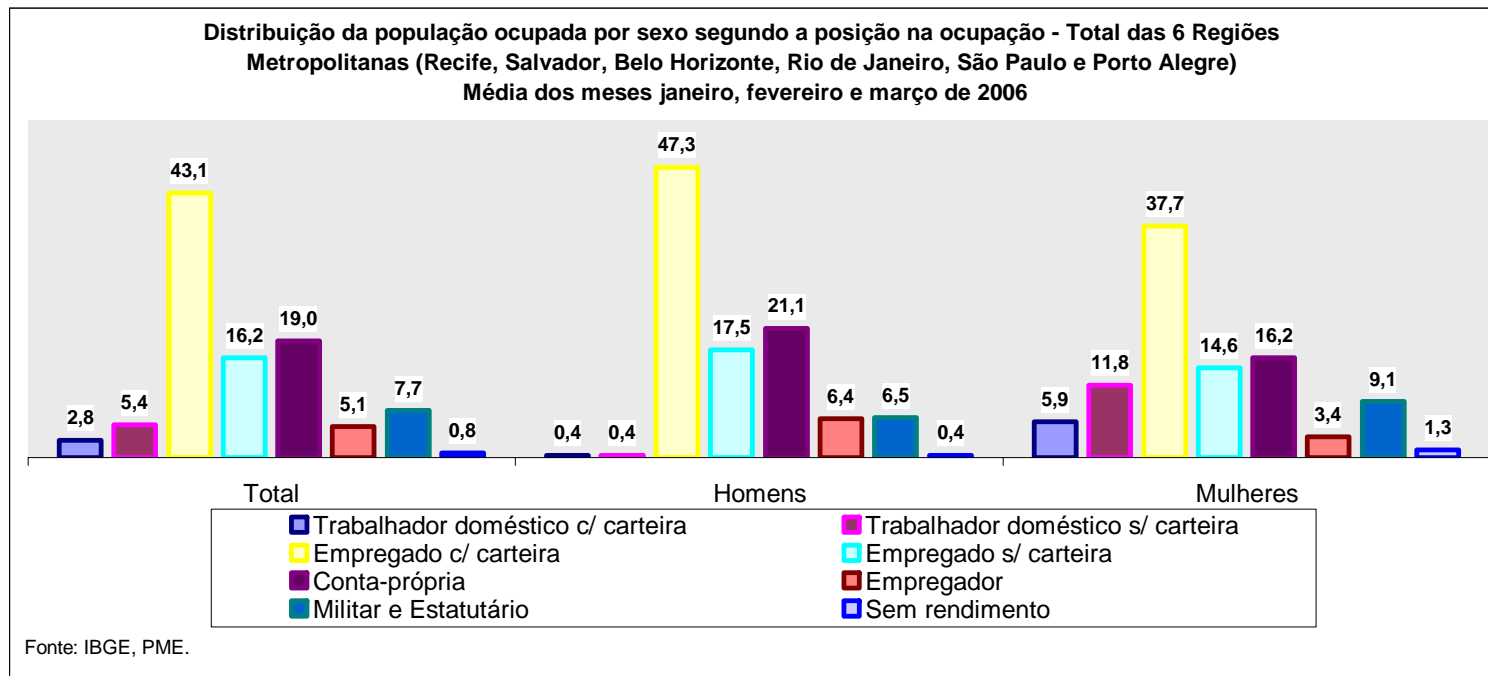


Gráfico 8:

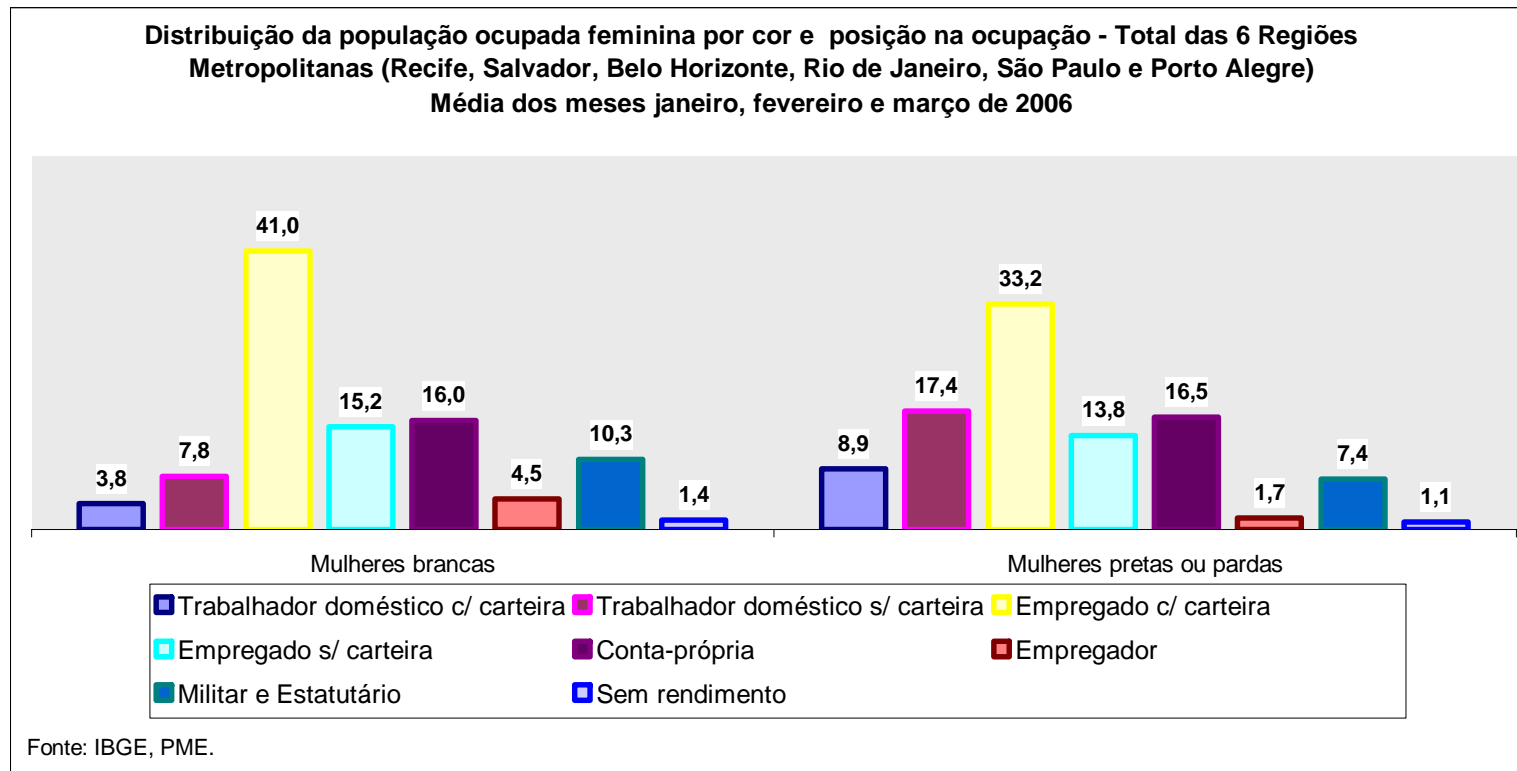
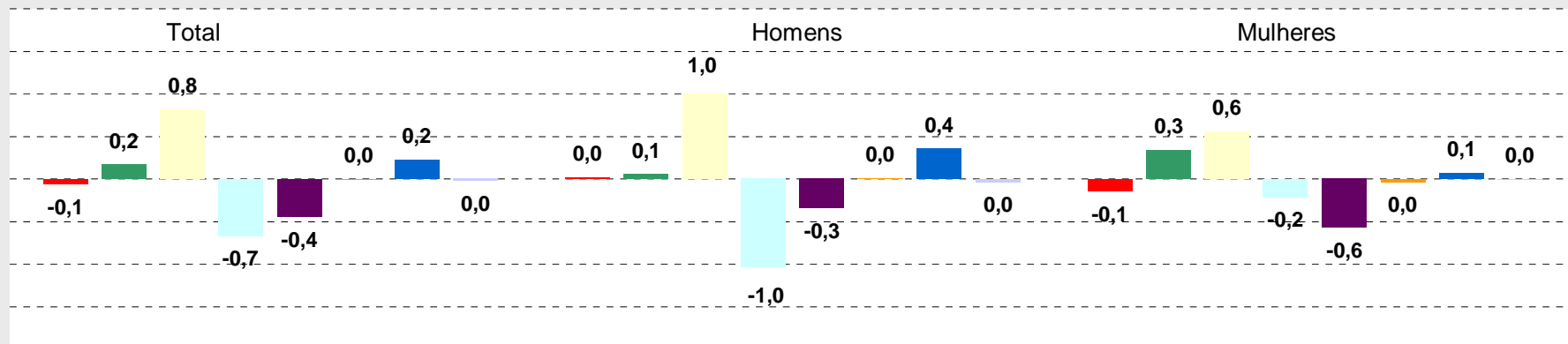


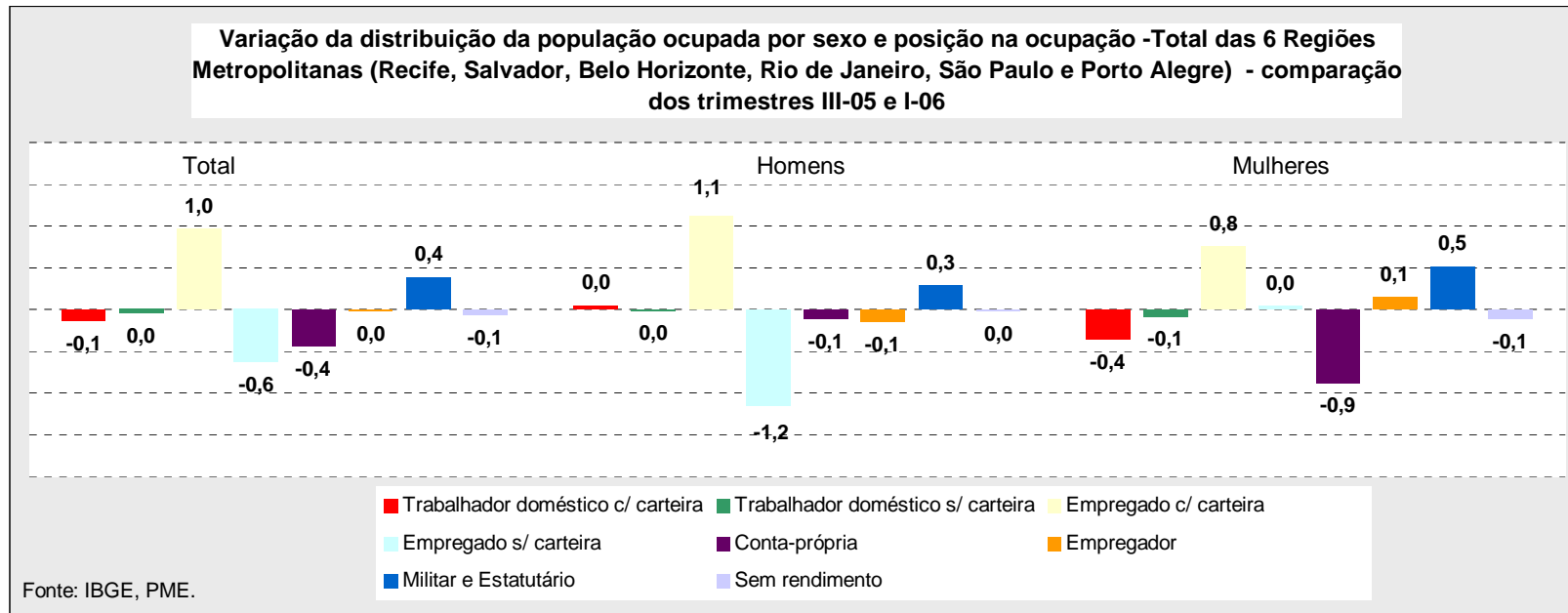
Gráfico 9:

Variação da distribuição da população ocupada por sexo e posição na ocupação -Total das 6 Regiões Metropolitanas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) - comparação dos trimestres IV-05 e I-06



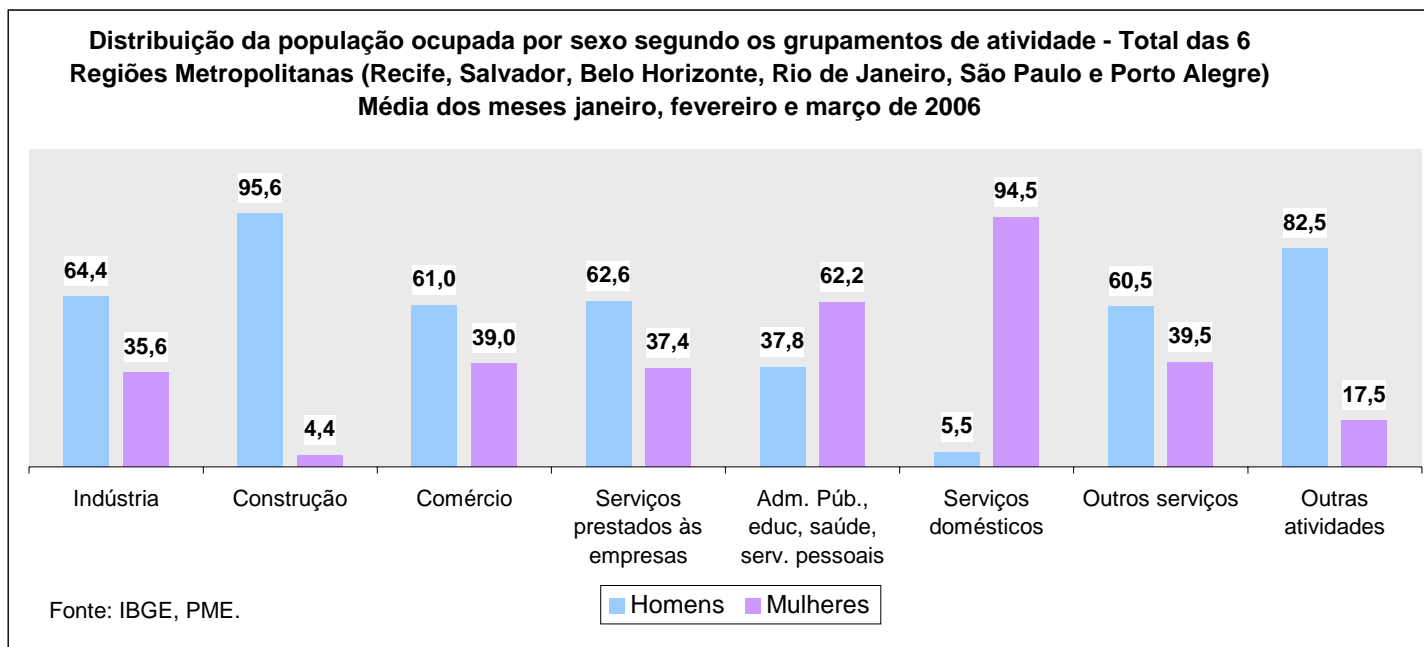
Fonte: IBGE, PME.

Gráfico 10:



Com relação à distribuição da população ocupada por sexo e grupamentos de atividades, as mulheres aumentaram sua participação nos grupamentos de construção (0,6 p.p.), serviços prestados às empresas (0,5 p.p.) e outros serviços (1,1 p.p.) comparado com o terceiro trimestre de 2005. É importante destacar que as mulheres são maioria somente nos serviços domésticos (94,5%) e no grande setor que engloba a administração pública, a defesa, a educação, a saúde e os serviços pessoais (62,2%) (Gráfico 11).

Gráfico 11:

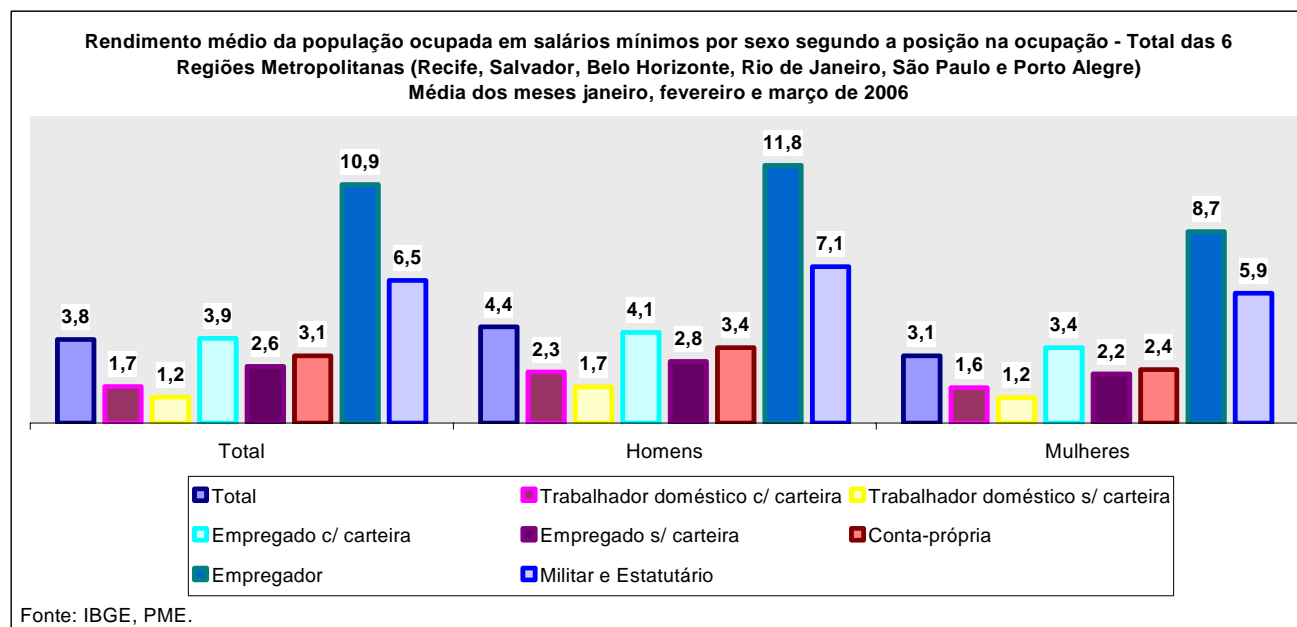


Com relação às características de rendimento, as mulheres recebiam menos que os homens em todas as categorias ocupacionais, o equivalente a 70% do rendimento auferido pelos homens. Apesar das mulheres serem maioria no trabalho doméstico era nesta categoria que a desigualdade é maior (68,9%), enquanto que a menor desigualdade de rendimento entre homens e mulheres é observada para a categoria de empregado com carteira (83,3%) (Gráfico 12).



As mulheres de cor preta ou parda eram as que apresentavam os menores rendimentos no mercado de trabalho metropolitano (em média 1,9 salário mínimo). Os menores níveis salariais delas eram no trabalho doméstico sem carteira (1,1 SM) e trabalho por conta-própria (1,4 SM) e os maiores nas categorias de empregador (5,7 SM) e militar e estatutário (4,1 SM).

Gráfico 12:



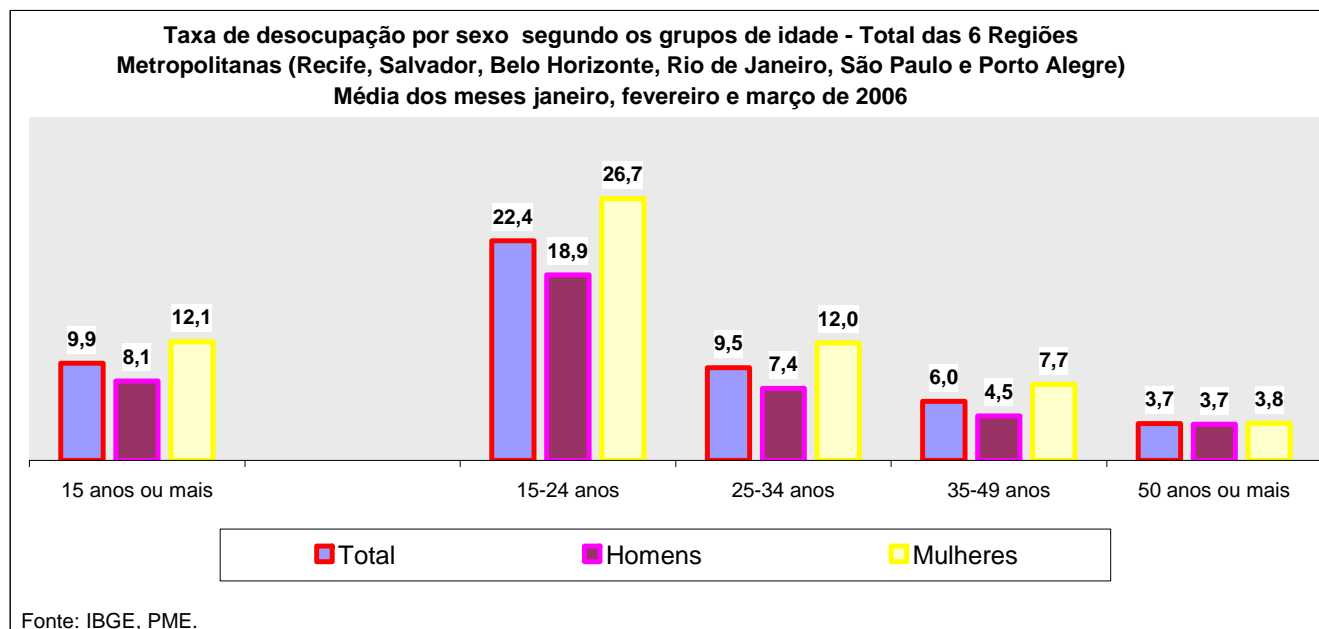
A desigualdade de rendimento por cor é maior do que a desigualdade por sexo no mercado de trabalho. As mulheres de cor preta ou parda recebiam neste primeiro trimestre de 2006 50% do rendimento auferido pelas mulheres de cor branca. De acordo com a posição na ocupação, verificou-se que



até mesmo no trabalho doméstico elas ganham menos, porém a desigualdade é menor (entre 92 e 94%) por conta da precariedade do trabalho, fazendo pouca distinção com relação à cor. Para as demais categorias, a desigualdade de rendimentos entre as mulheres brancas e pretas ou pardas era maior na categoria de empregador (45,6%), enquanto para as outras categorias variava entre 55,3% para o emprego com carteira e 59,5% para o emprego sem carteira.

Terminado o período de aquecimento de vendas de fim de ano, onde as contratações temporários fizeram com que a taxa de desocupação sofresse uma retração, no primeiro trimestre de 2006 ocorreu um aumento da desocupação para 9,9%, acima da taxa observada no terceiro trimestre de 2005 que foi de 9,5%. As mulheres e jovens são as que mais sofreram com a desocupação neste primeiro trimestre: em cada quatro mulheres de 15 a 24 anos de idade no mercado de trabalho, uma estava procurando trabalho (Gráfico 13).

Gráfico 13:



De acordo com a análise por cor, se observou que esse aumento da desocupação entre os jovens ocorreu mais intensamente na população de cor branca; pois na população de cor preta ou parda a desocupação se acentuou na faixa etária de 25 a 49 anos de idade, comparado com o terceiro trimestre de 2005 (Gráficos 14 e 15). Por outro lado, cabe ressaltar que a taxa de desocupação entre as mulheres de cor preta ou parda era a maior (15,1%)

Gráfico 14:

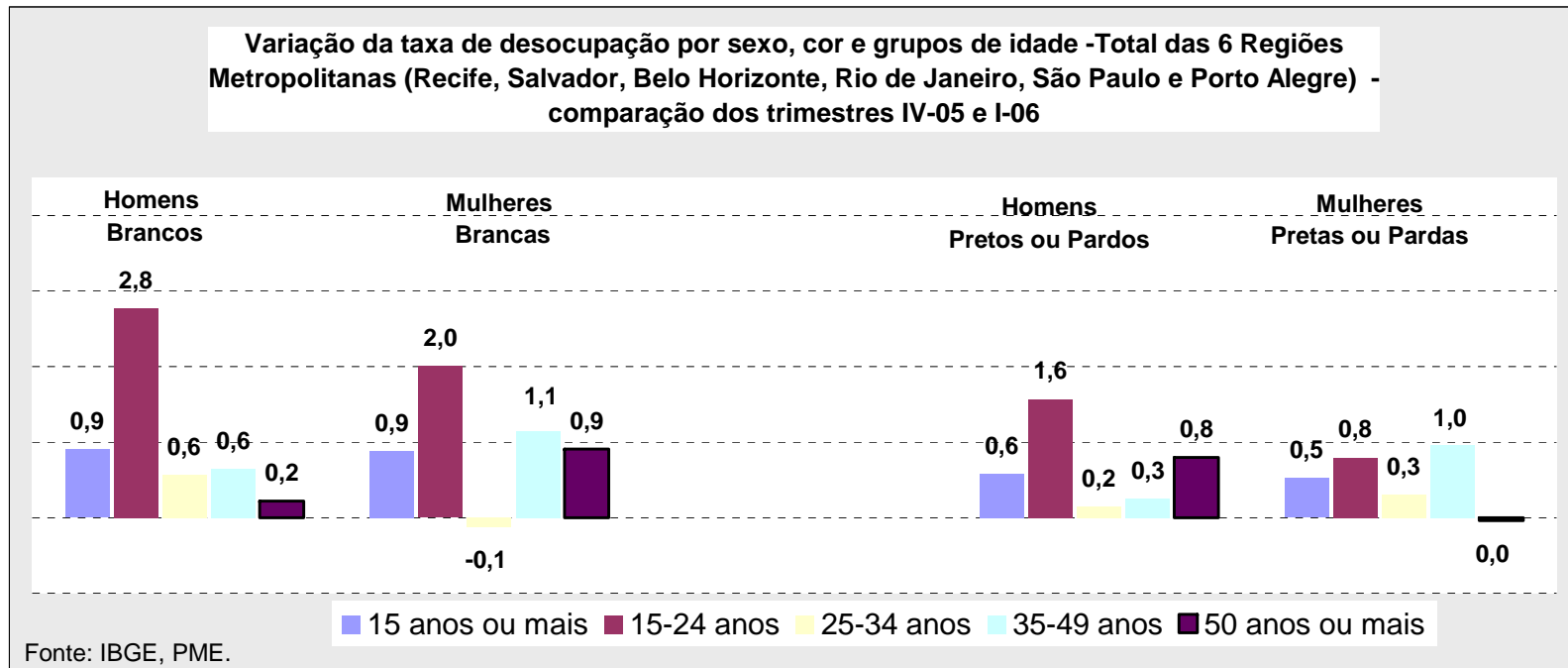
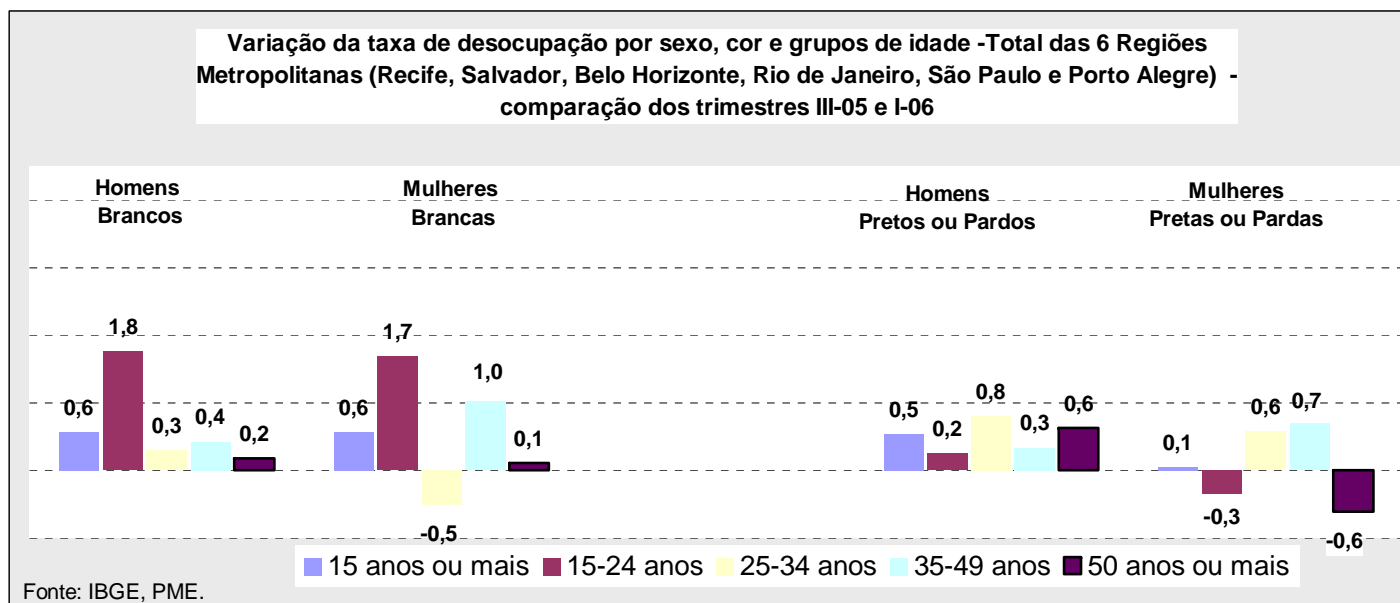


Gráfico 15:



As mulheres com o ensino fundamental completo ou ensino médio incompleto são aquelas com as maiores taxas de desocupação no mercado de trabalho (16,7%) chegando a 18,7% entre as mulheres de cor preta e parda. Com relação aos dois últimos trimestres de 2005, nos primeiros três meses de 2006 a desocupação aumentou principalmente entre a população mais escolarizada (com 12 anos ou mais de estudo) (Gráficos 16 e 17). A maior variação foi observada para as mulheres de cor preta ou parda com esse nível de escolaridade [variação de 1,8 p.p. se comparado com o quarto trimestre de 2005 e de 2,5 p.p. em relação ao terceiro trimestre de 2005 (Gráficos 18 e 19).]

Gráfico 16:

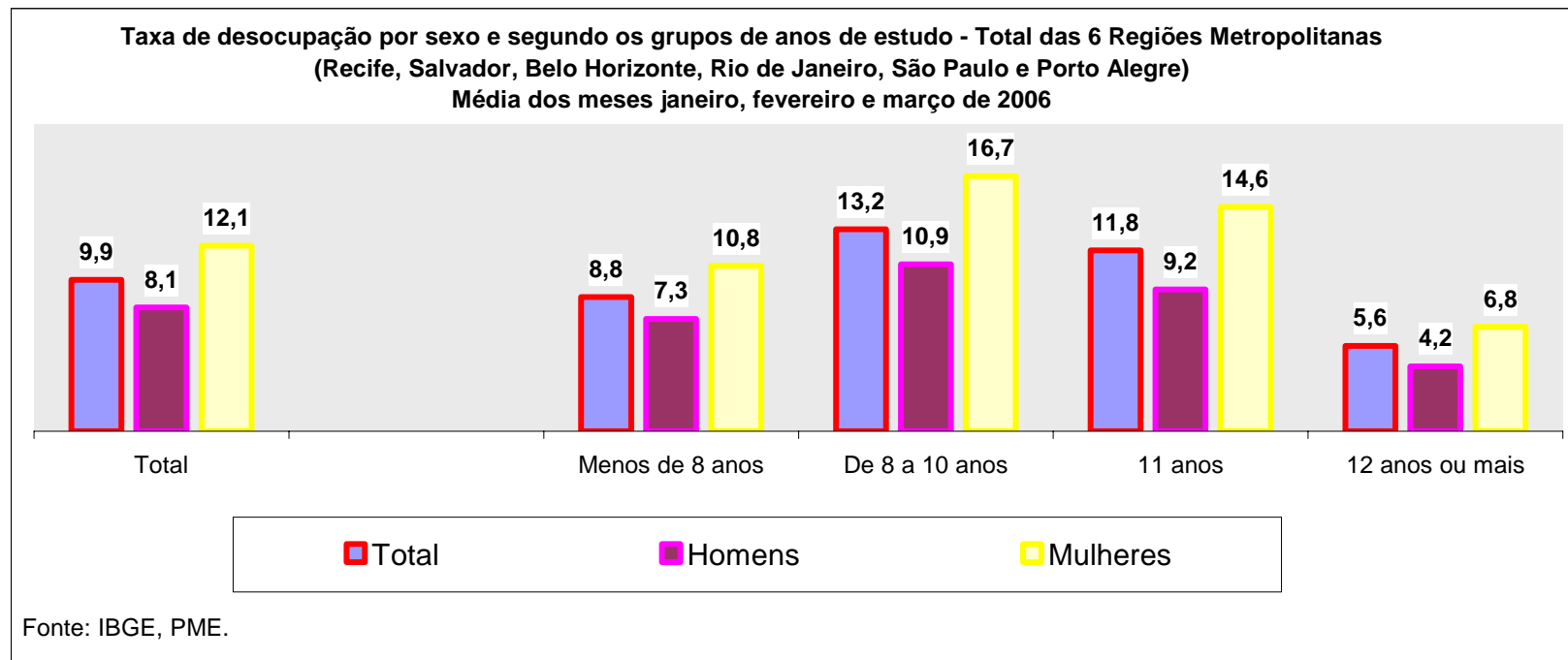


Gráfico 17:

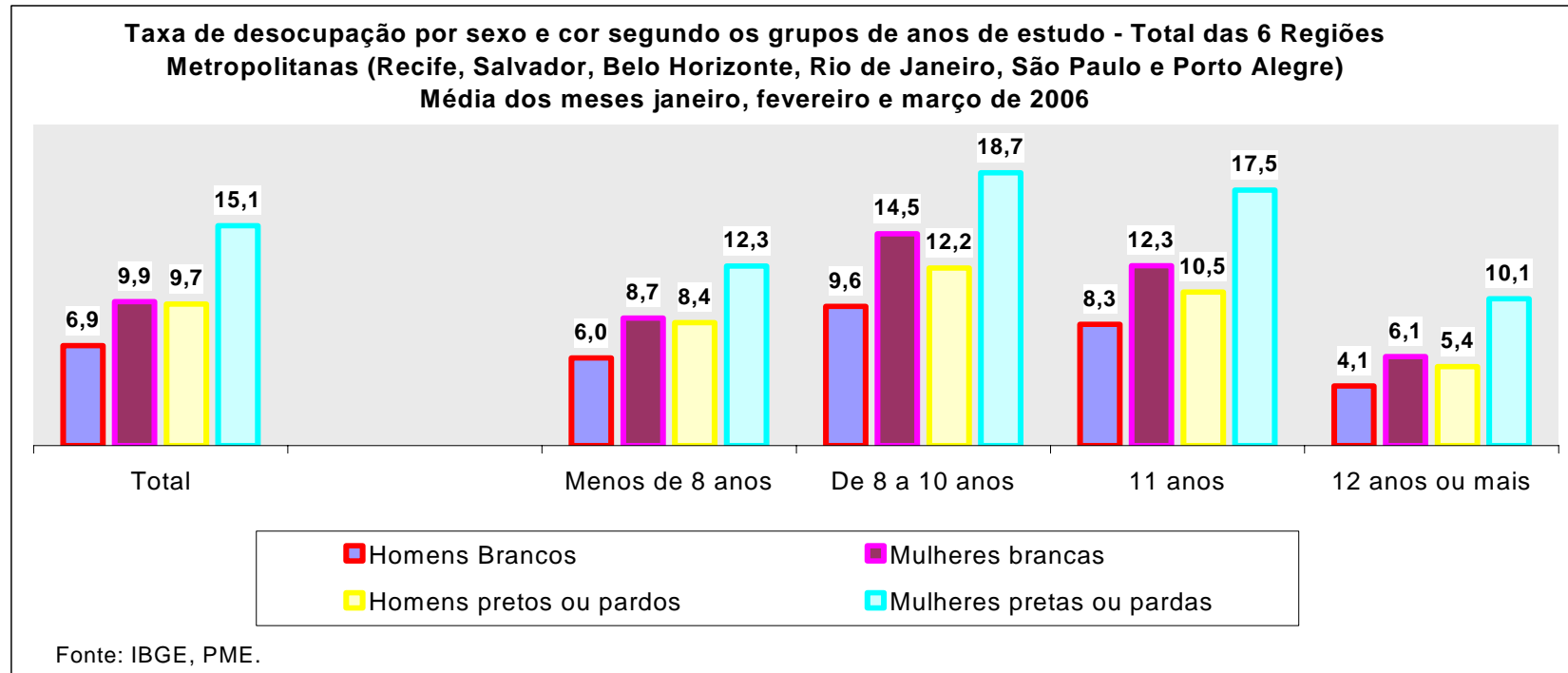
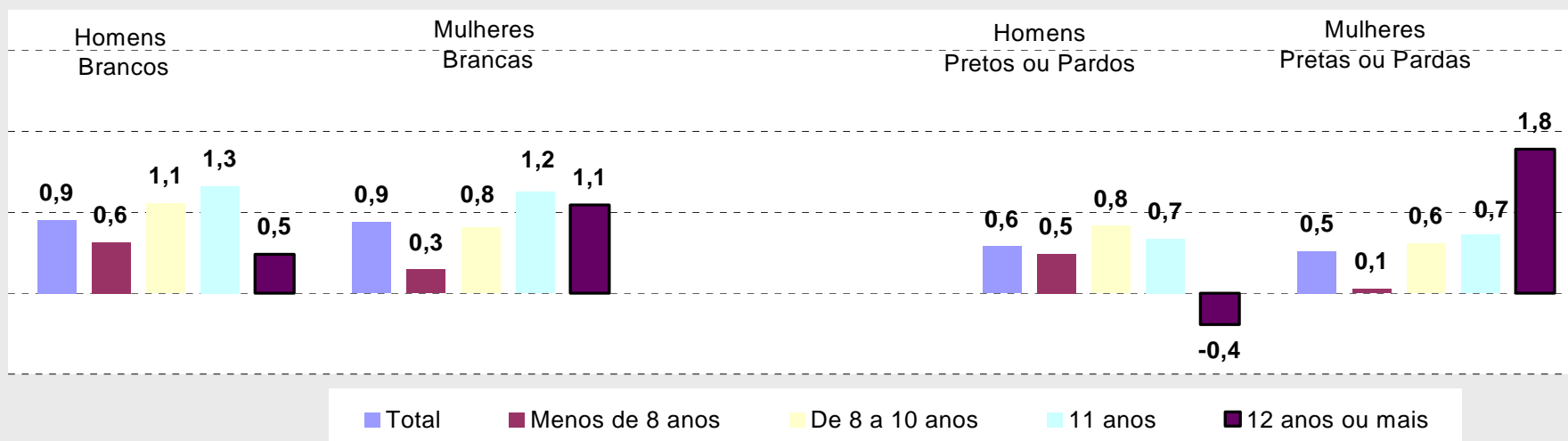


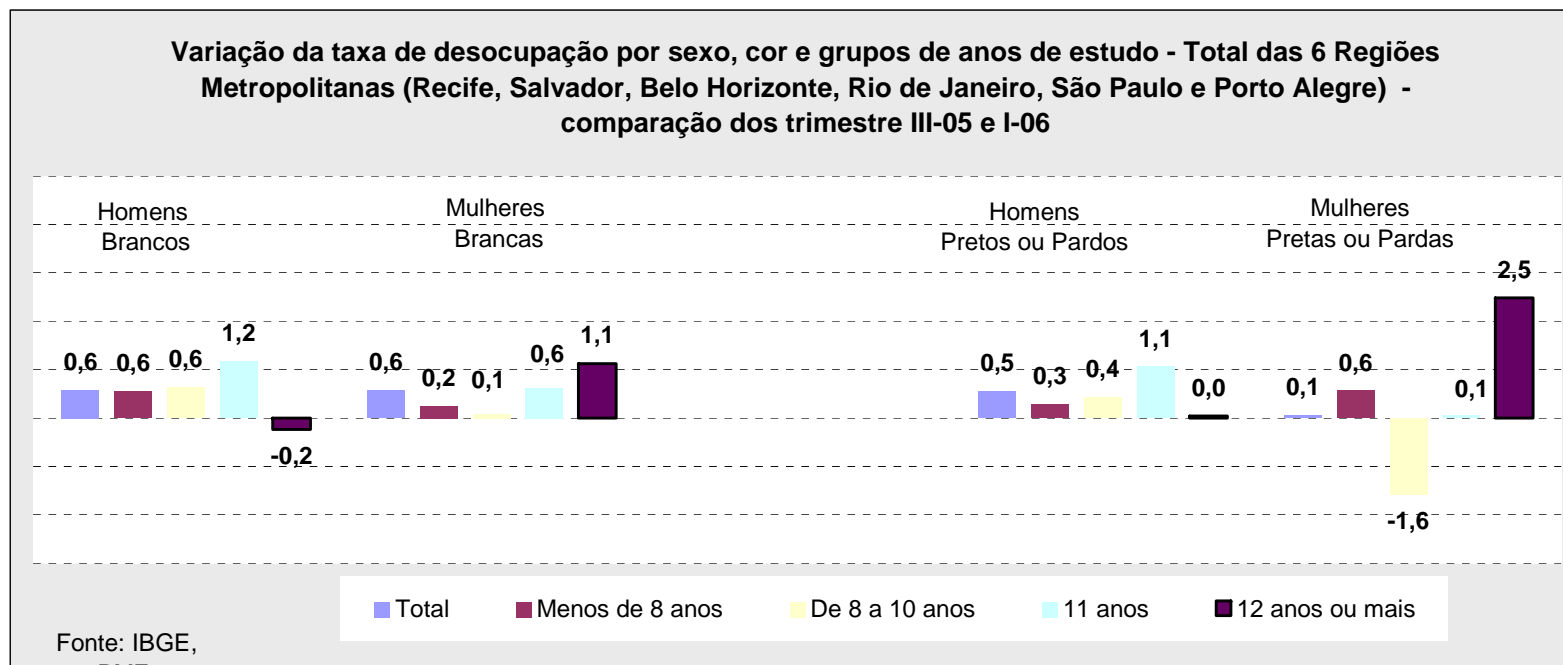
Gráfico 18:

Variação da taxa de desocupação por sexo, cor e grupos de anos de estudo - Total das 6 Regiões Metropolitanas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) - comparação dos trimestre IV-05 e I-06



Fonte: IBGE,

Gráfico 19:



Na população desocupada, as mulheres que procuravam trabalho com mais de 30 dias e até seis meses reduziram sua participação em 2,7 p.p. com relação ao último trimestre de 2005. Mas a queda foi mais acentuada para as mulheres que procuravam trabalho a mais de um ano (3,4 p.p.) se comparado com o terceiro trimestre de 2005. Essa queda ocorreu principalmente com a incorporação no mercado de trabalho dessas pessoas que estavam a mais tempo procurando trabalho e devido às oportunidade de emprego de fim do ano, passaram a ingressar no mercado de trabalho (Gráficos 20, 21 e 22).

Gráfico 20:

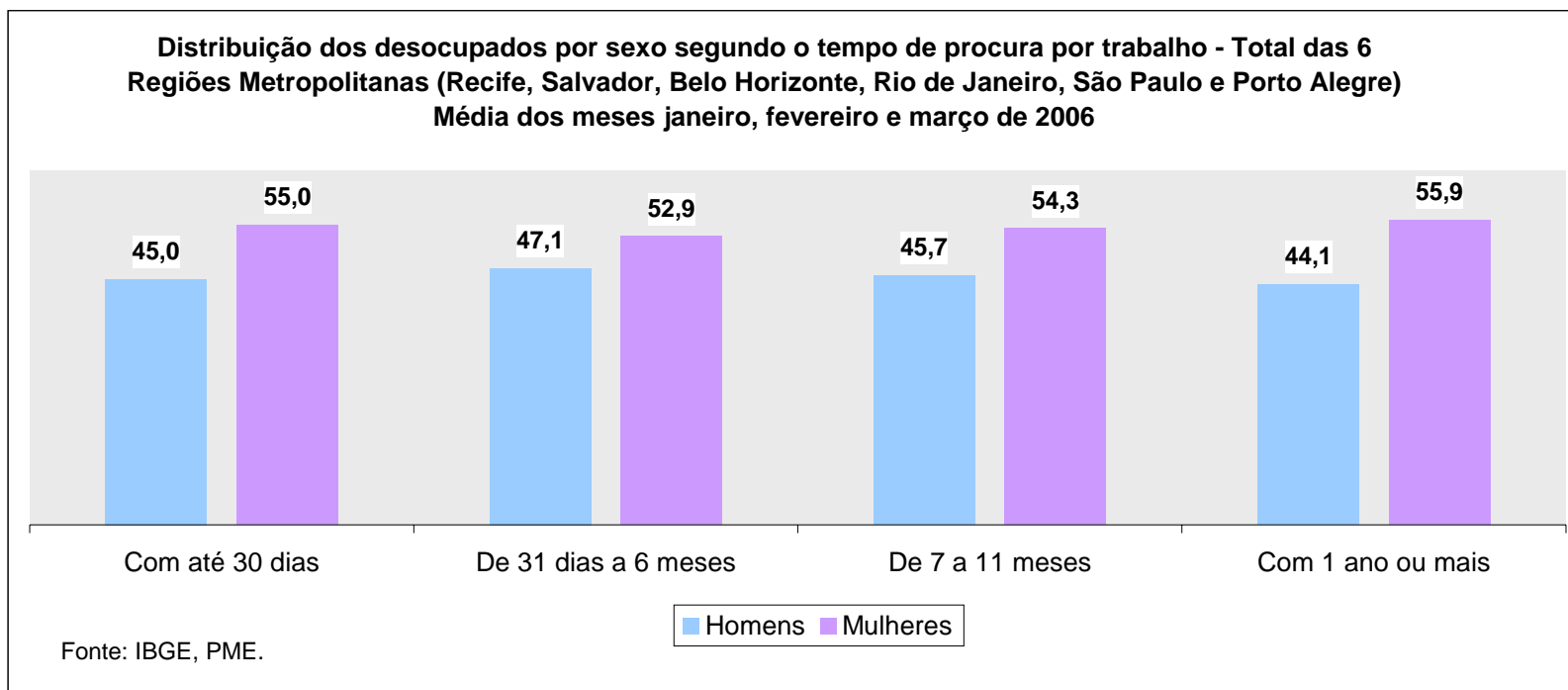


Gráfico 21:

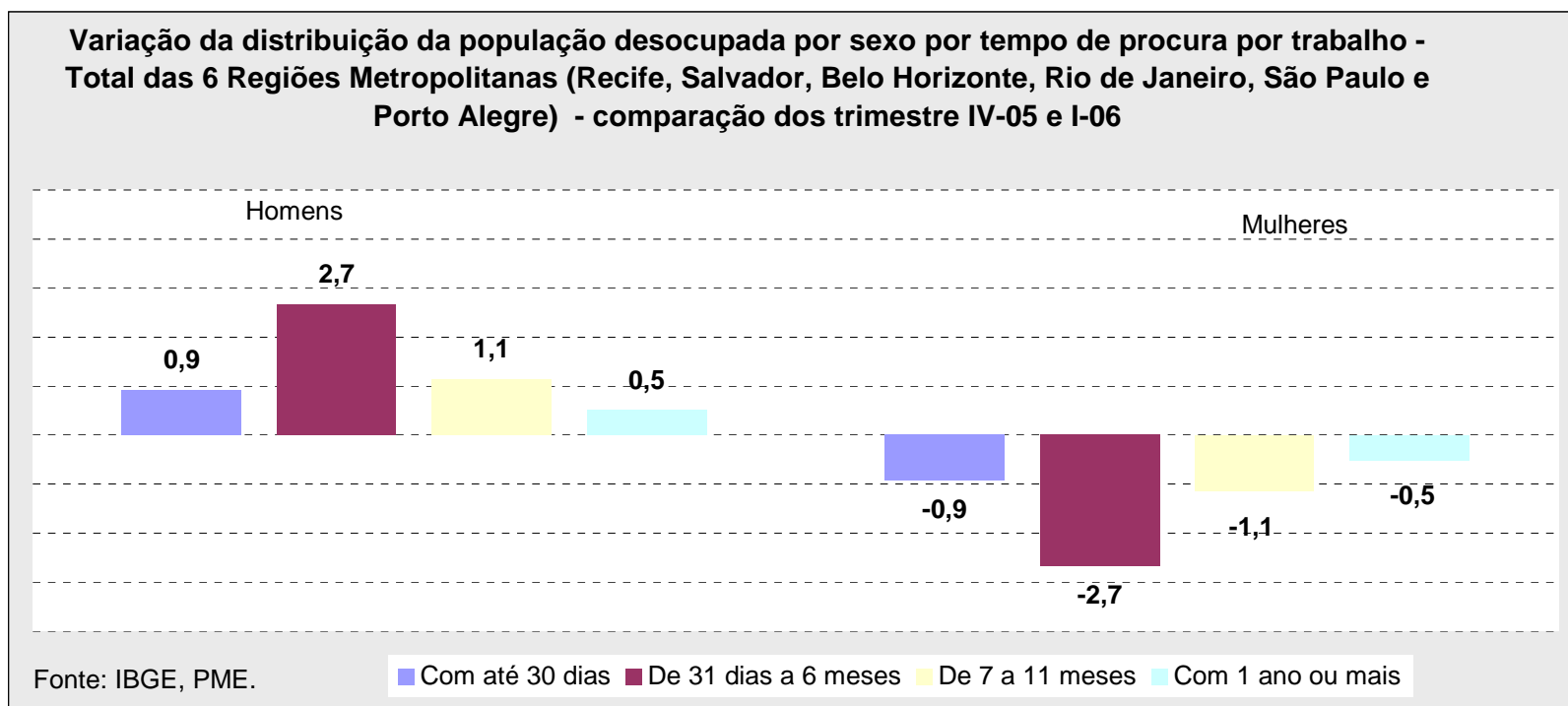


Gráfico 22:

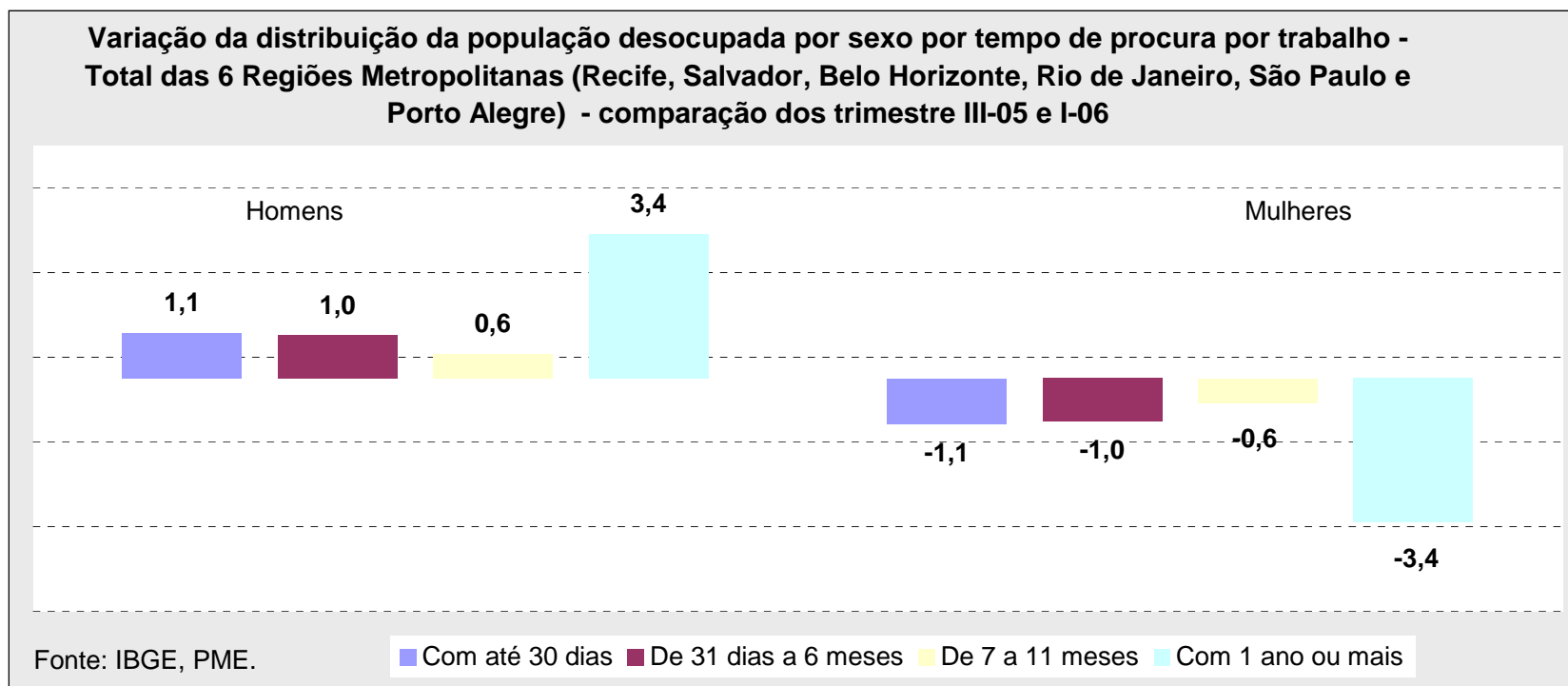
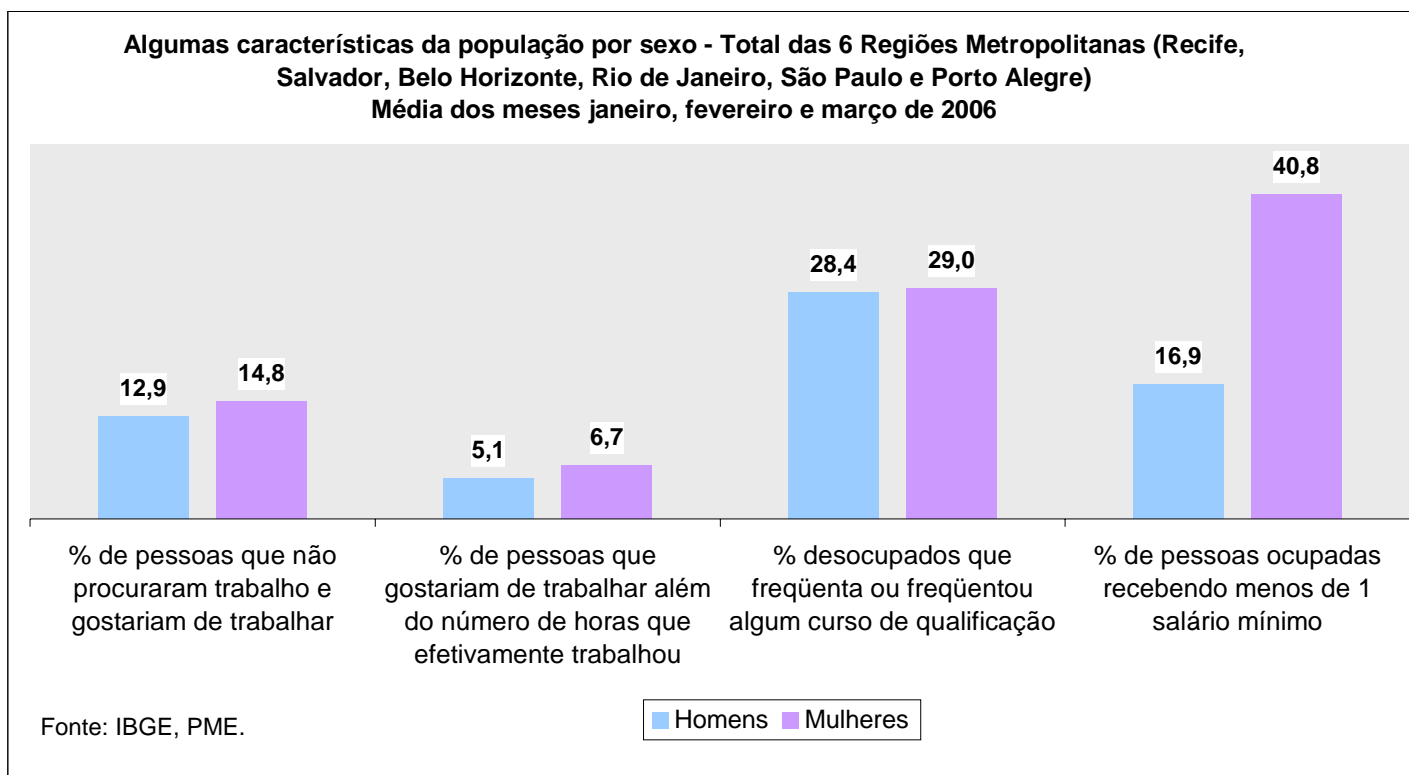


Gráfico 23:



Além dos indicadores analisados anteriormente, é importante destacar o comportamento de alguns indicadores como, por exemplo, a redução da proporção de trabalhadores que recebiam menos de 1 salário mínimo. No primeiro trimestre de 2006 a proporção de homens nessa situação era de



16,9% contra 40,8% para as mulheres. A redução foi de 2,9 pontos percentuais para os homens e de 4,8 pontos percentuais para as mulheres comparado com o terceiro trimestre de 2005.

Reduziu também a participação de pessoas que não procuraram trabalho e gostariam de trabalhar, assim como a proporção de pessoas que gostariam de trabalhar além do número de horas que efetivamente trabalhou. Esses indicadores revelam uma redução da parcela de pessoas que estão ligadas marginalmente a PEA e sub-ocupadas por conta da disponibilidade de trabalhar mais horas (Gráficos 23, 24 e 25).

Gráfico 24:

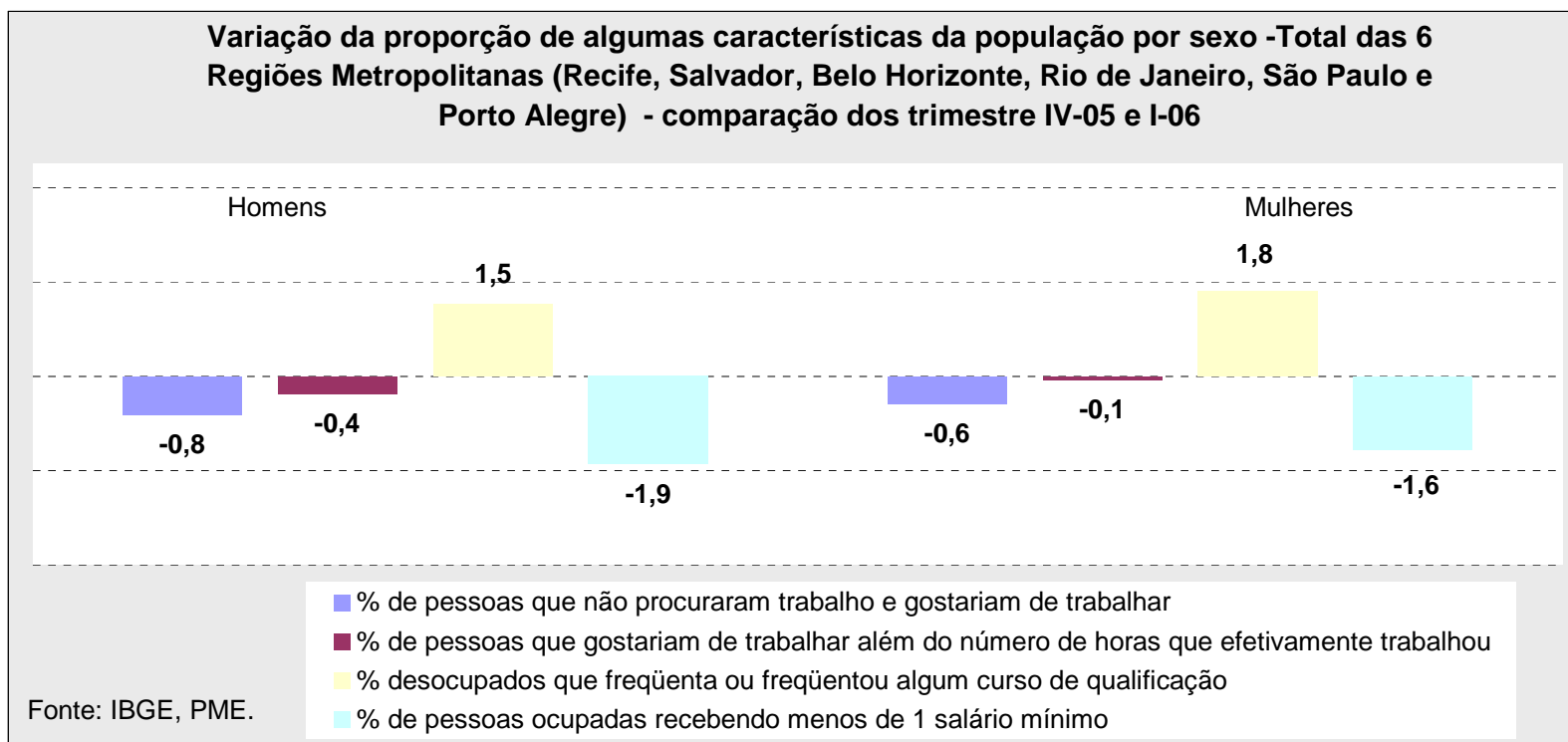
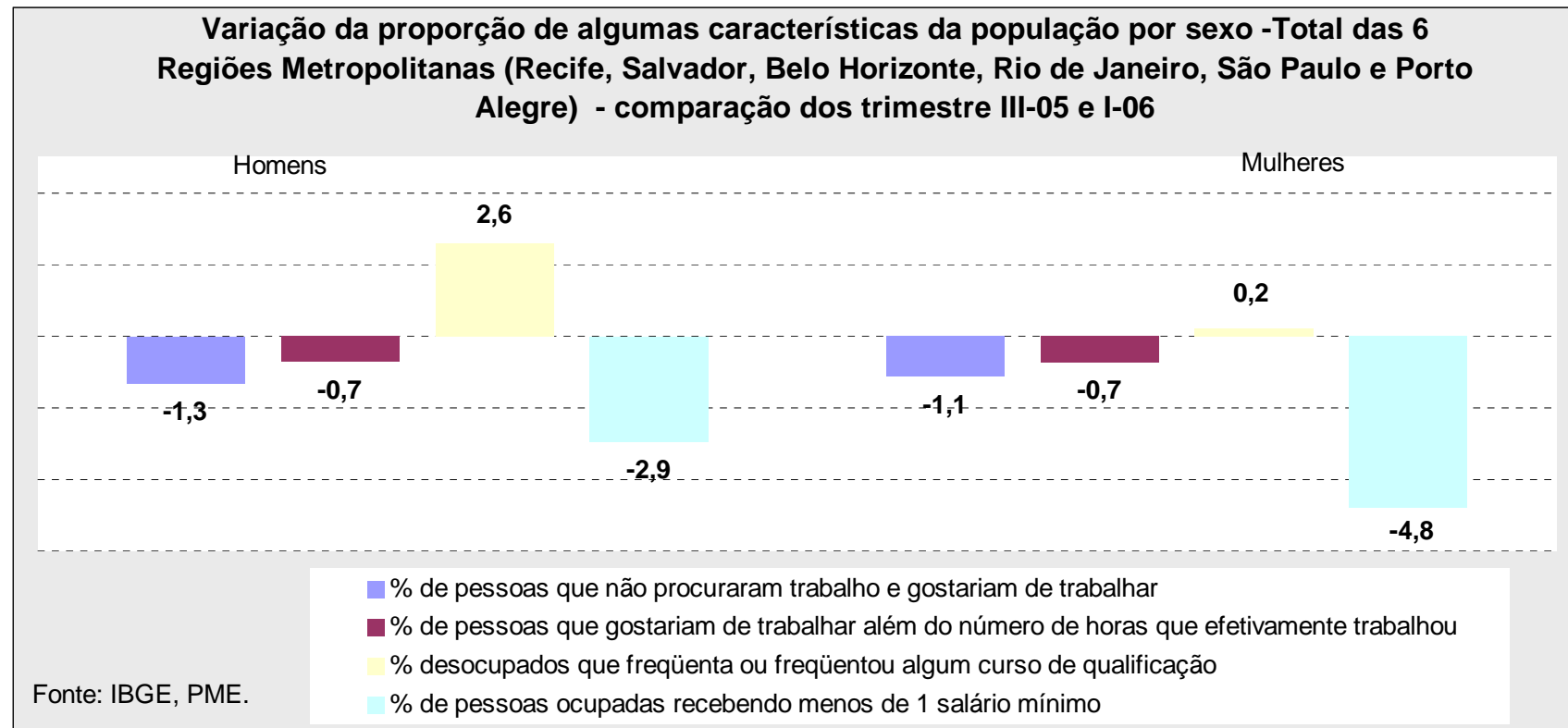


Gráfico 25:



3. A dinâmica da mão-de-obra masculina e feminina nas regiões metropolitanas

Os indicadores de trabalho e rendimento por sexo e cor apresentaram comportamentos diferenciados em cada região metropolitana neste primeiro trimestre de 2006. As regiões metropolitanas de São Paulo e de Salvador apresentam as maiores taxas de atividade (64,5% e 63,4%) e o mesmo acontece para a taxa de participação feminina, que é maior em Salvador (56,4%), atingindo o nível de 57,4% entre as mulheres pretas e pardas (Gráficos 26 e 27).

Gráfico 26:

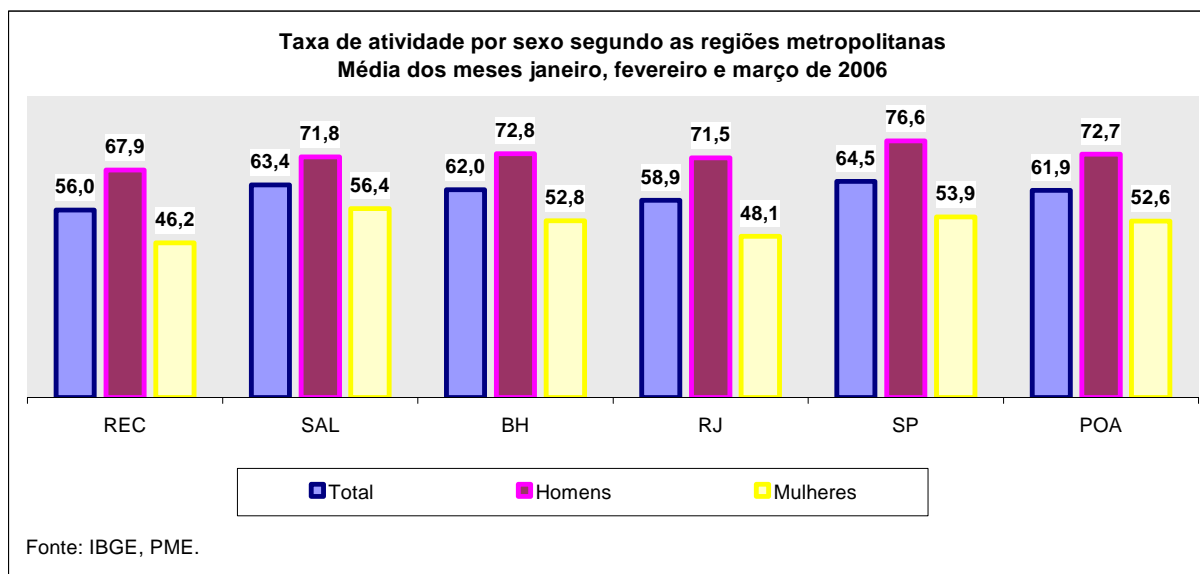
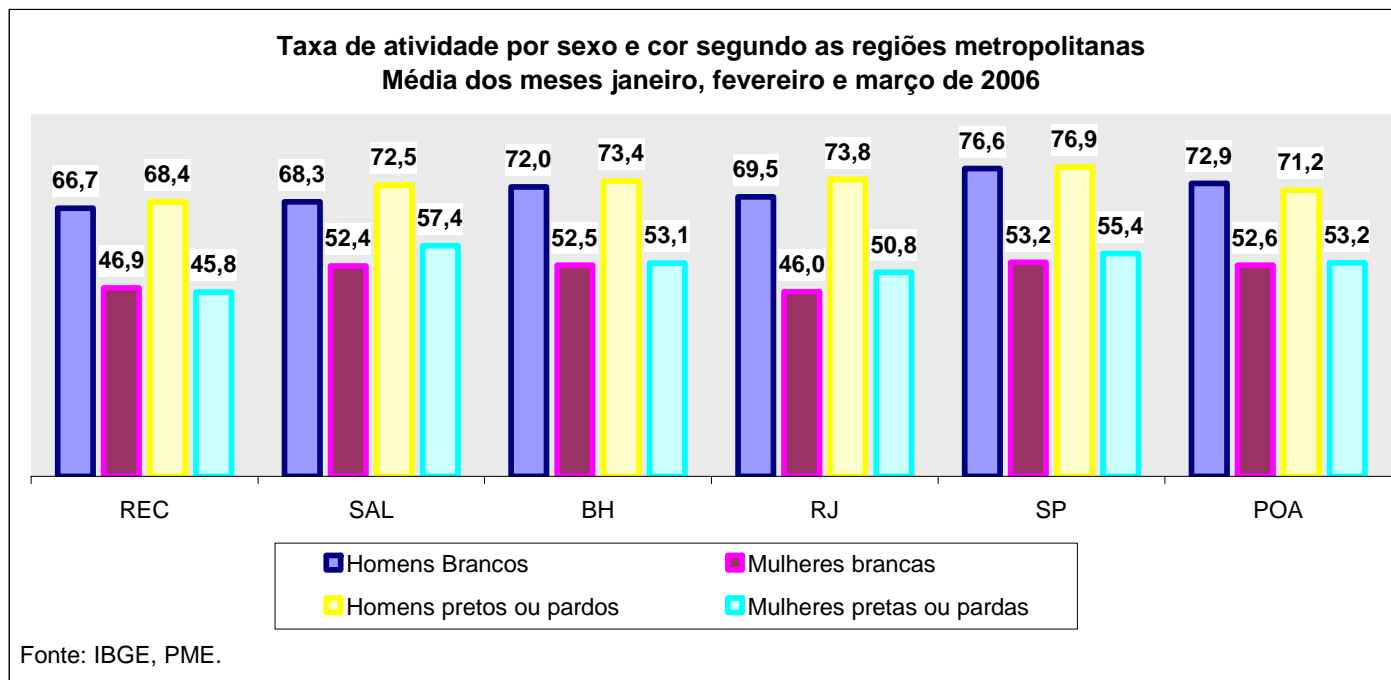
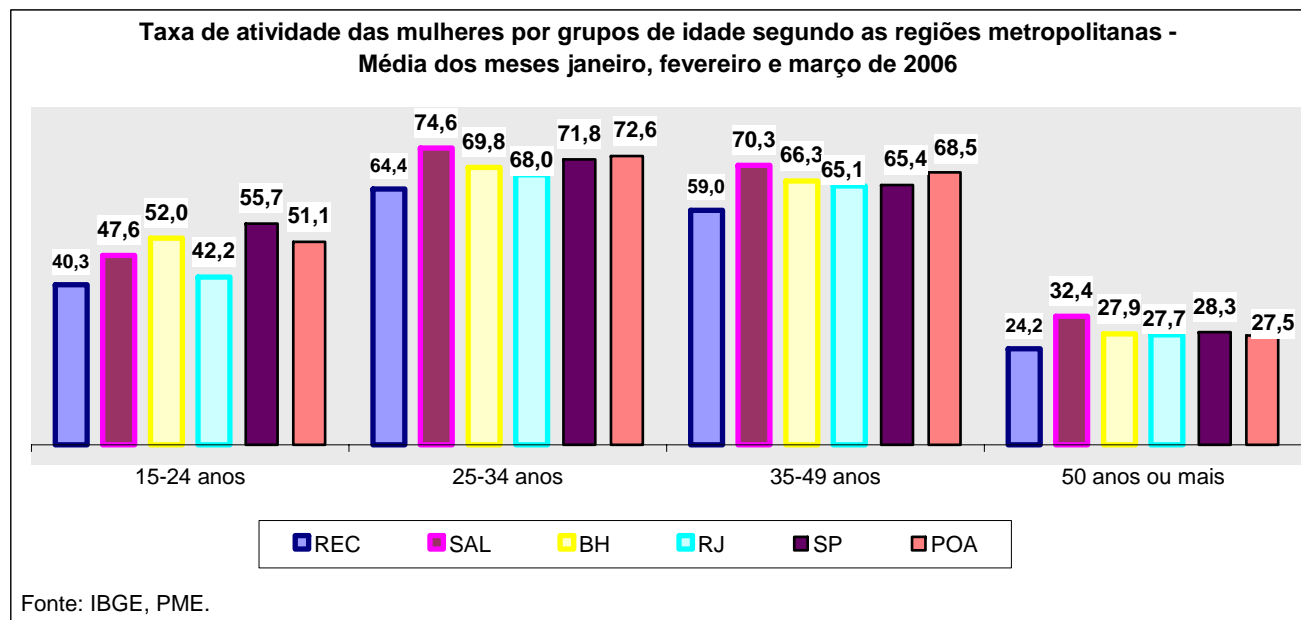


Gráfico 27:



A maior atividade das mulheres na faixa etária dos jovens está na RM de São Paulo (55,7%) e a menor em Recife (40,3%). As maiores taxas de atividade feminina ocorrem na faixa etária de 25 a 34 anos de idade, atingindo o nível de 74,6% em Salvador (Gráfico 28).

Gráfico 28:



Ao comparar a taxa de atividade neste início de 2006 com relação ao último trimestre de 2005, observou-se que à exceção da RM de Recife, cuja atividade feminina aumentou em 0,8 ponto percentual, todas as demais RMs tiveram uma retração da atividade, sendo a maior observada para a RM de Belo Horizonte (1,2 p.p.). É sabido que essa comparação com o último trimestre é um pouco enviesada por conta do efeito sazonal, mas na comparação com o terceiro trimestre de 2005 a queda da atividade feminina permanece nas regiões metropolitanas com as maiores variações para Salvador (1,0 p.p.) e São Paulo (0,9 p.p.) (Gráficos 29 e 30).

Gráfico 29:

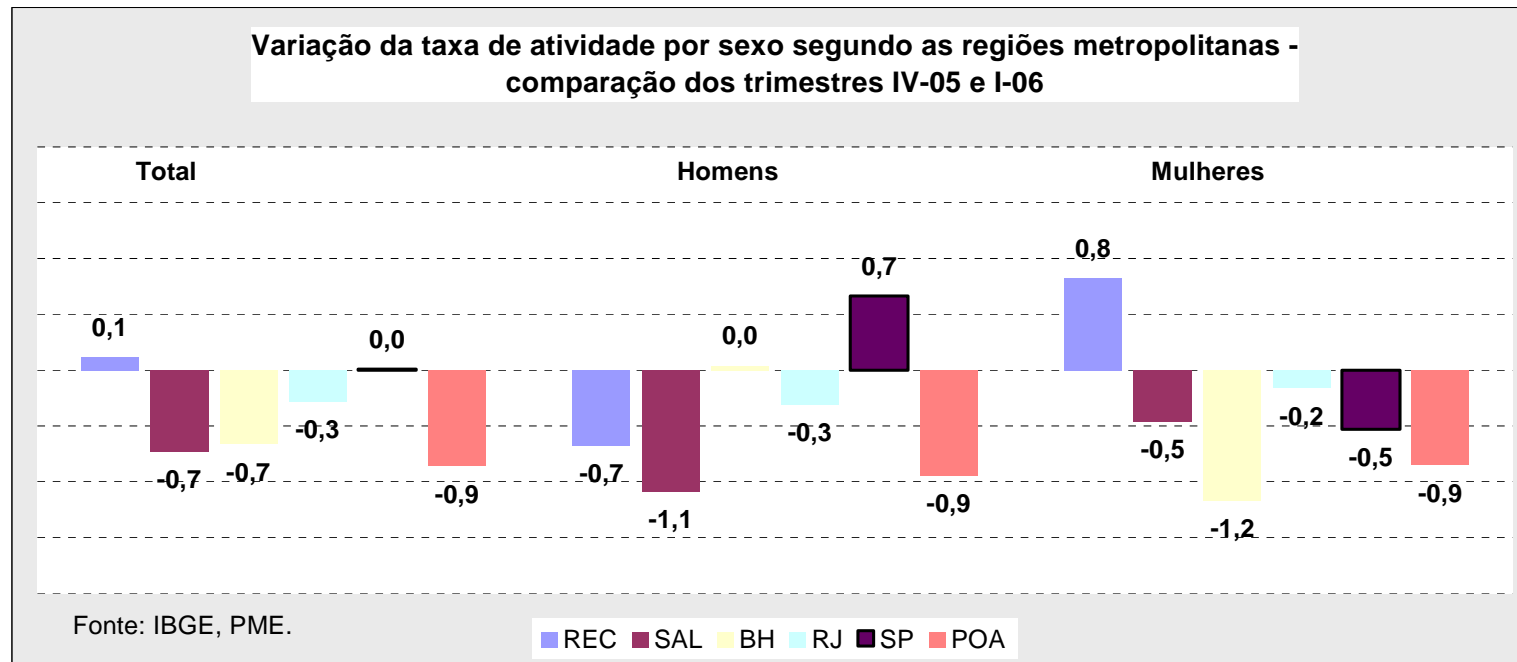
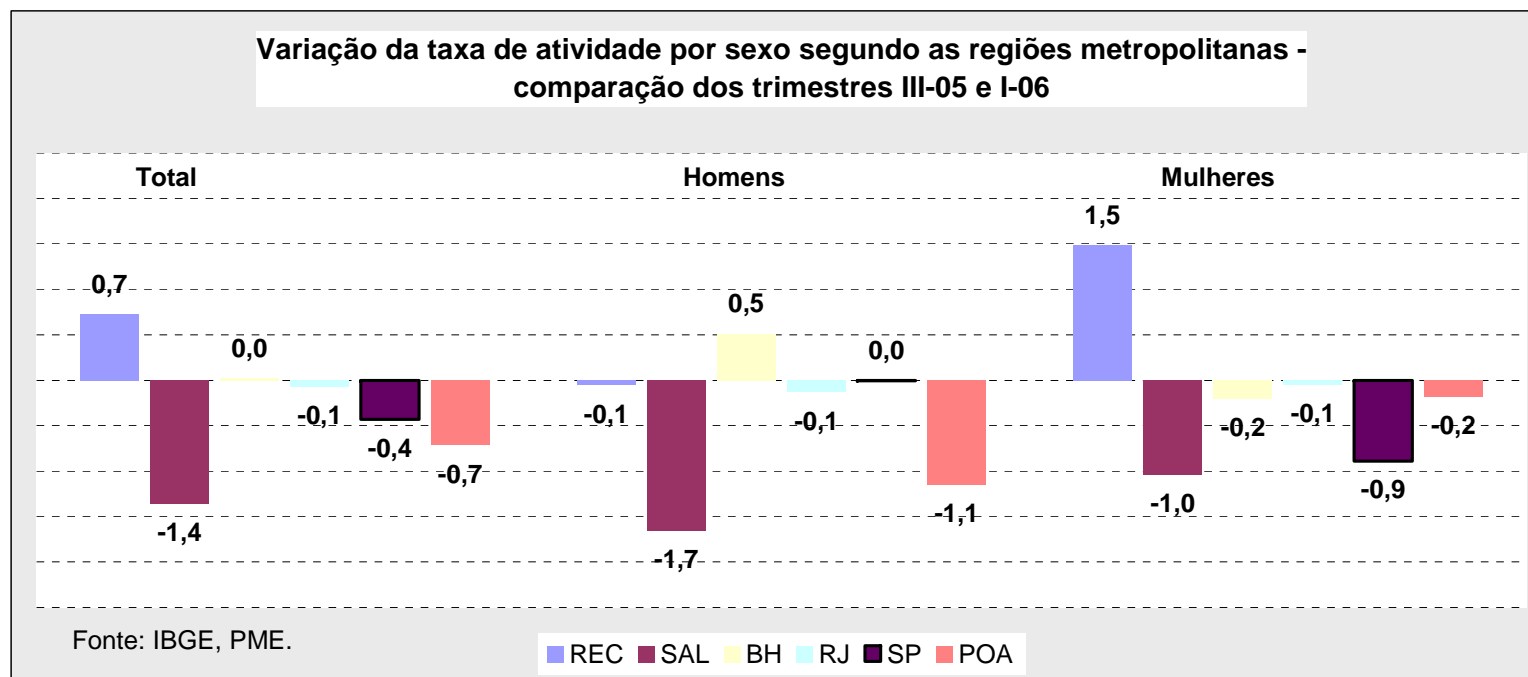
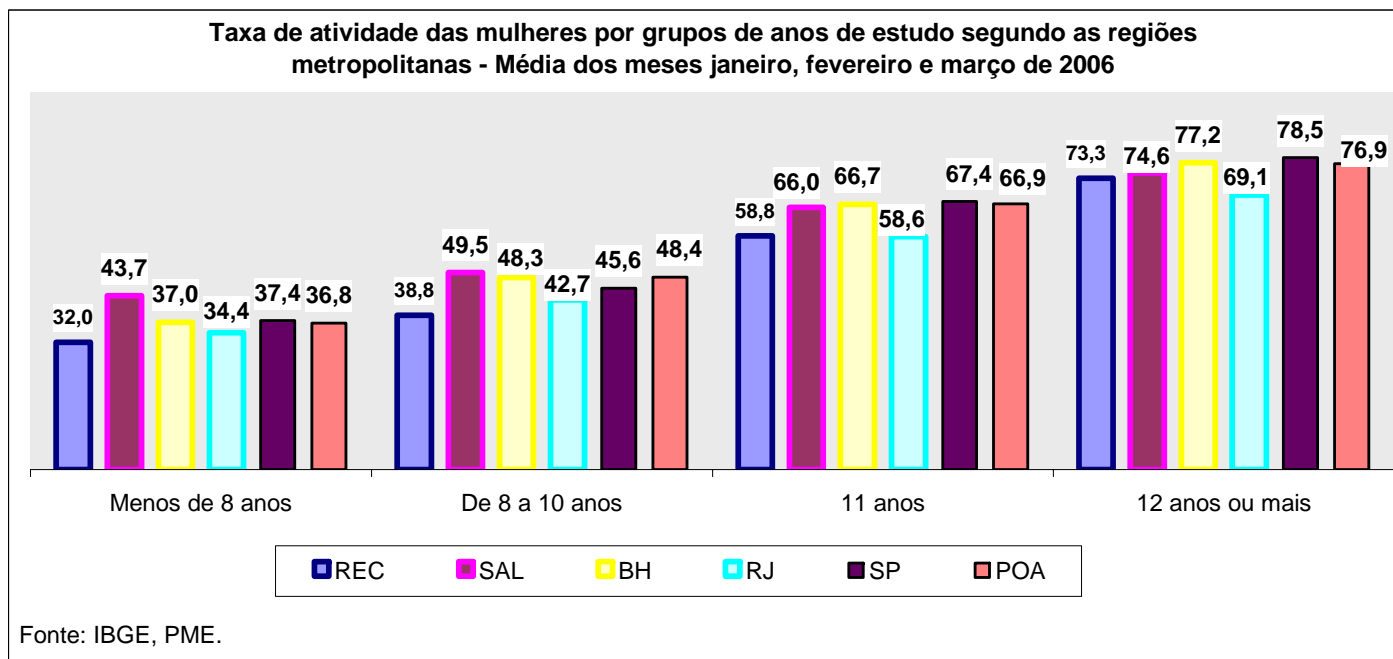


Gráfico 30:



À medida que a escolaridade aumenta a atividade das pessoas no mercado de trabalho se intensifica. No caso das mulheres observou-se que o maior nível de atividade entre as mais escolarizadas ocorria na RM de São Paulo (78,5%) e o menor no Rio de Janeiro (69,1%), por outro lado, entre os menos escolarizados a maior participação feminina no mercado de trabalho ocorria em Salvador (43,7%) e o menor em Recife (32,0%) (Gráfico 31).

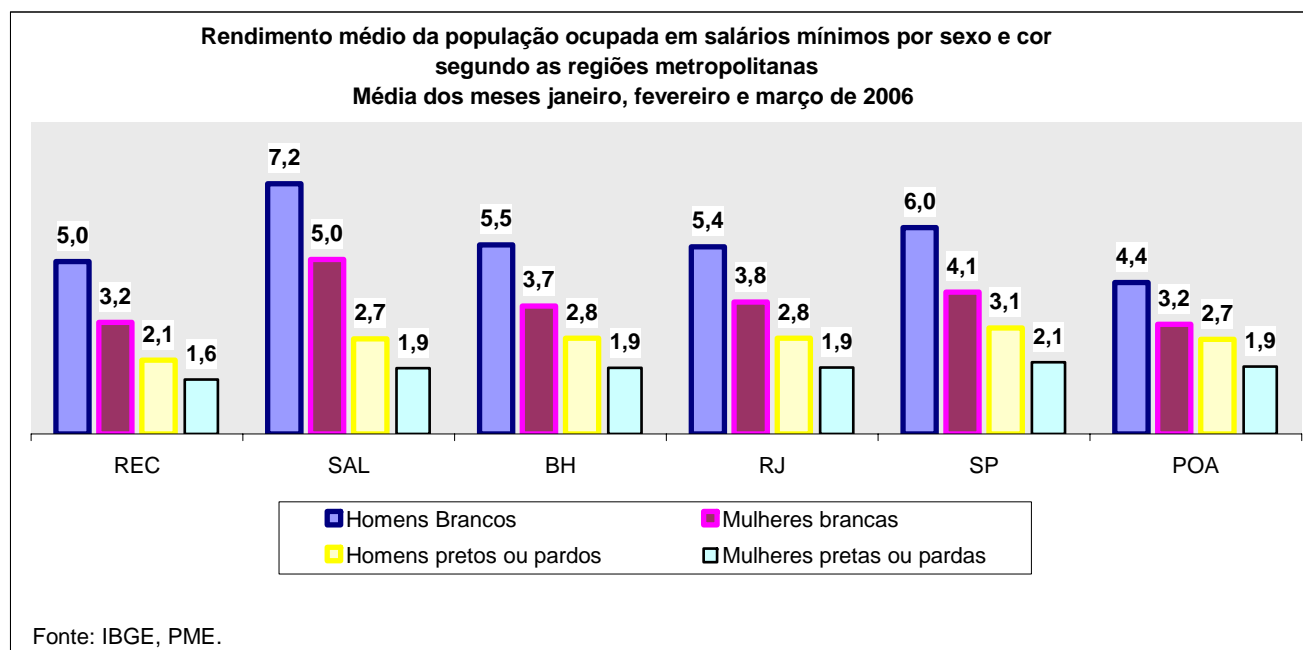
Gráfico 31:



Com relação às características de rendimento cabe destacar uma menor rendimento entre as mulheres de cor preta ou parda (1,6 salário mínimo na RM de Recife). E apesar da elevada proporção de pretos e pardos na população de Salvador, são os homens brancos que recebem a maior remuneração no mercado de trabalho comparado às demais regiões metropolitanas. A desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres era maior na RM de São Paulo, onde as mulheres ganhavam 69,1% do rendimento auferido pelos homens. Com relação à desigualdade por cor, se observou que entre os brancos, as mulheres na RM de Recife recebiam 64,8% do rendimento dos homens brancos. Por outro lado, entre os pretos e

pardos o maior grau de desigualdade por sexo foi observada para a RM de São Paulo (67,5%). Entre as mulheres, a desigualdade de rendimento por cor era ainda mais acentuada: em Salvador, as mulheres pretas e pardas recebiam somente 37,8% do rendimento auferido pelas mulheres de cor branca (Gráfico 32).

Gráfico 32:



A taxa de desocupação nas regiões metropolitanas teve seu maior nível na RM de Recife (15,9%) e o menor no Rio de Janeiro (7,8%). As mulheres apresentam as maiores taxas de desocupação, com o maior patamar em Recife (19%) e o menor em Porto Alegre (9,7%). Chama a atenção as elevadas



taxas de desocupação entre as mulheres de cor preta e parda. Neste primeiro trimestre em Recife e Salvador, para cada cinco mulheres desta cor, uma estava desocupada. A análise da variação da taxa de desocupação das mulheres em relação ao terceiro trimestre de 2005 apontou para um aumento da desocupação de 3,2 pontos percentuais em Recife e uma queda de 2,1 pontos percentuais em Salvador. As mulheres nas RMs do Rio de Janeiro e São Paulo praticamente mantiveram sua taxa de desocupação, embora para os homens tenha verificado um aumento (Gráficos 33 e 34).

Gráfico 33:

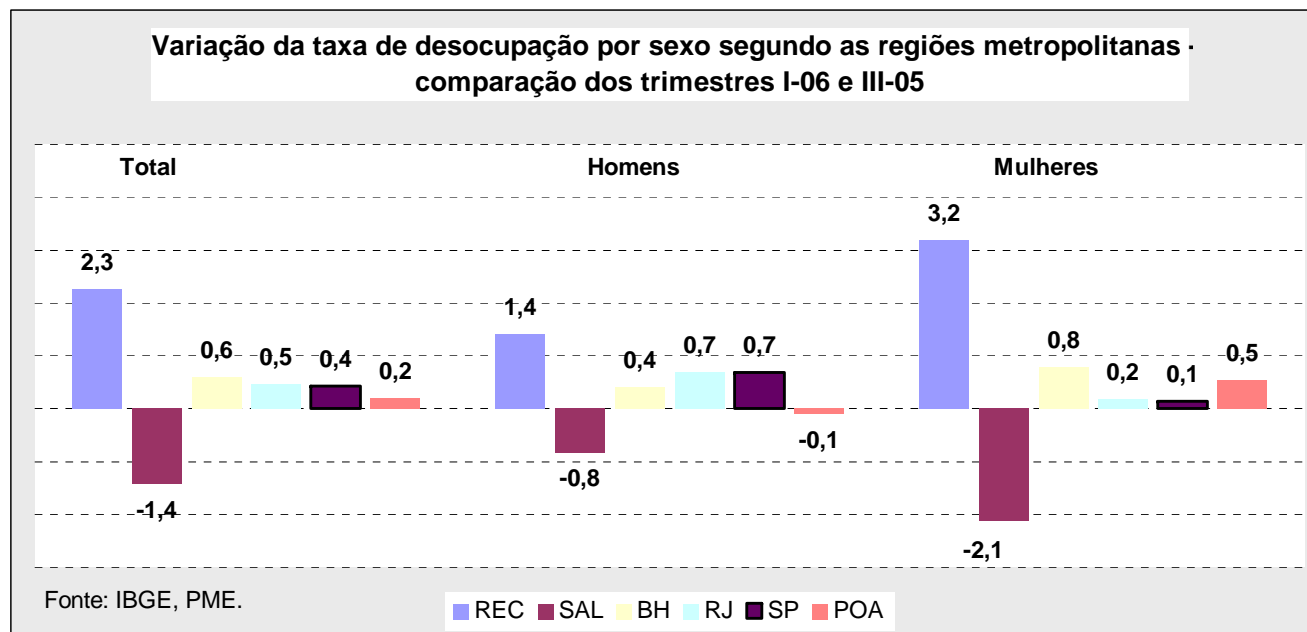
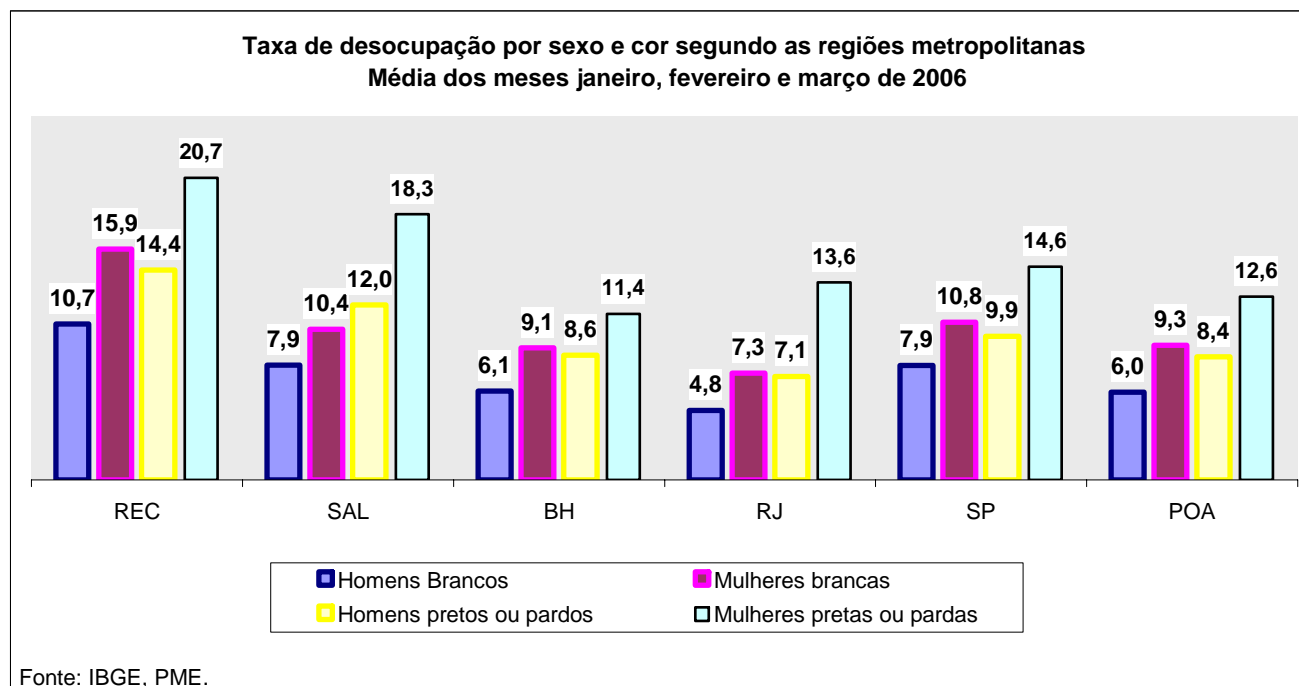
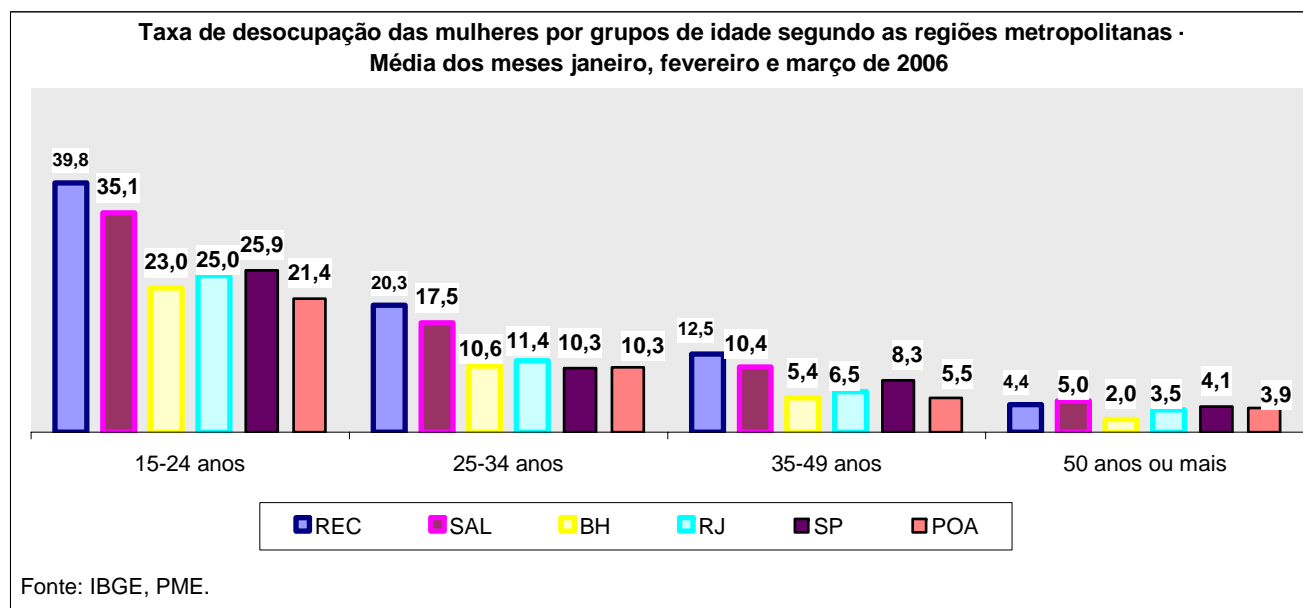


Gráfico 34:



Com relação ao efeito da desocupação entre os grupos etários, esta é maior entre as mulheres mais jovens, principalmente em Recife onde quase 40% das jovens de 15 a 24 anos de idade estavam desocupados, enquanto que em Porto Alegre tem-se o menor índice (21,4%) (Gráfico 35).

Gráfico 35:



Com relação à proporção de pessoas ocupadas que recebiam até UM salário mínimo, temos mostrado esse é um problema estrutural de desigualdade de regional e de gênero, onde as mulheres têm maior representatividade nesse indicador e uma forte concentração nas duas principais regiões metropolitanas da região Nordeste (Recife e Salvador).

No total das 6 regiões metropolitanas, nesse primeiro trimestre de 2006, se observou uma redução da proporção de pessoas ocupadas que recebiam até 1 salário mínimo. Essa queda relativa que vem ocorrendo desde os resultados apontados no primeiro número deste boletim, foi maior entre as mulheres, atingindo o nível de 9,7 pontos percentuais em Belo Horizonte (Gráficos 36 e 37).

Gráfico 36:

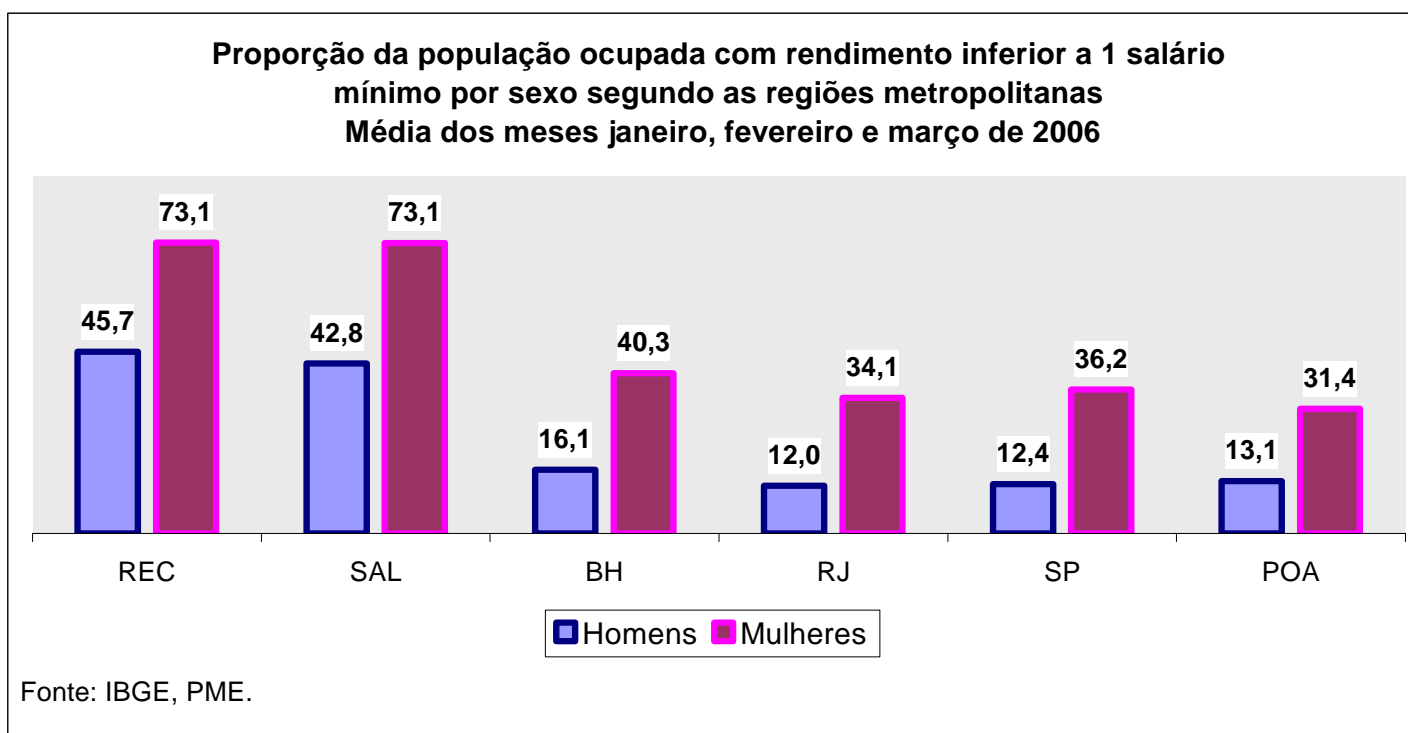
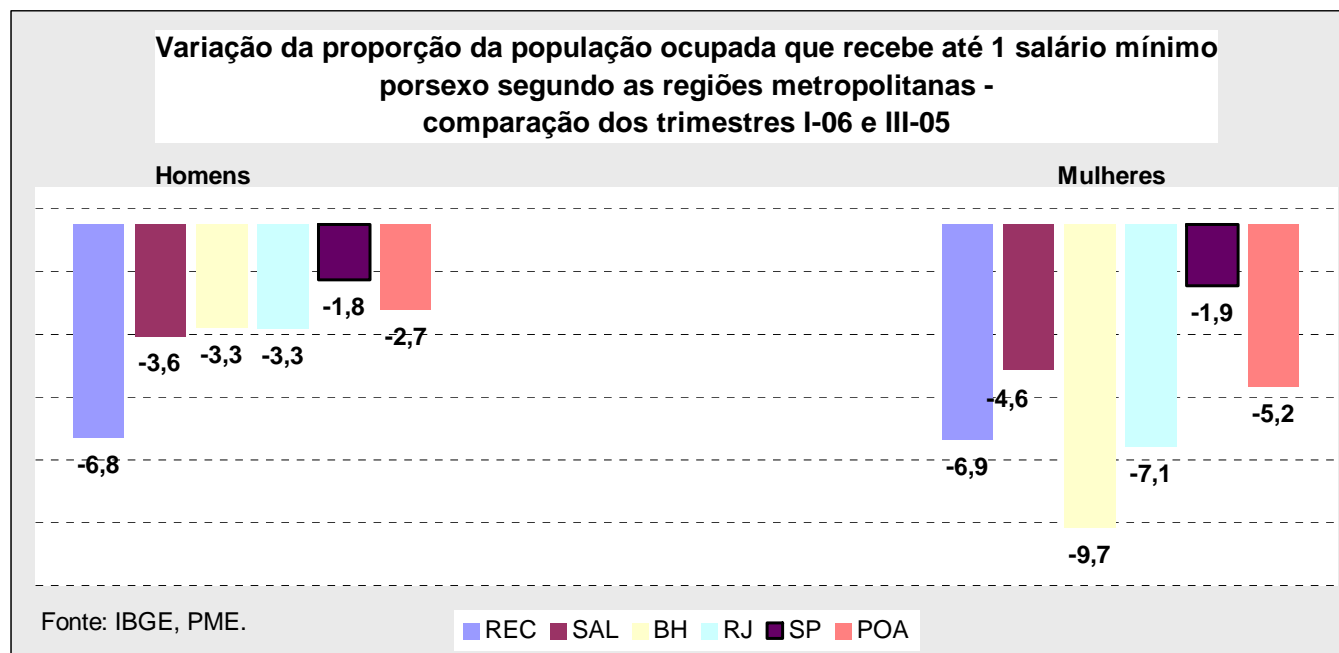


Gráfico 37:



A análise da participação da população desocupada em cursos de qualificação profissional por sexo no primeiro trimestre de 2006 revelou que os maiores índices de participação, tanto para homens quanto para as mulheres, estavam em São Paulo (33,3% e 35,4%, respectivamente) e os menores na RM de Recife. Com certeza esse resultado é reflexo da existência de programas de cursos de qualificação para a população desocupada nas regiões metropolitanas, mas é importante destacar que no terceiro trimestre de 2005 essa maior participação ocorria na RM de Belo Horizonte. Além



disso, é importante ressaltar que a maior queda de participação feminina em cursos de qualificação profissional em comparação com o terceiro trimestre de 2005 ocorreu na RM de Salvador (Gráfico 38).

Gráfico 38:

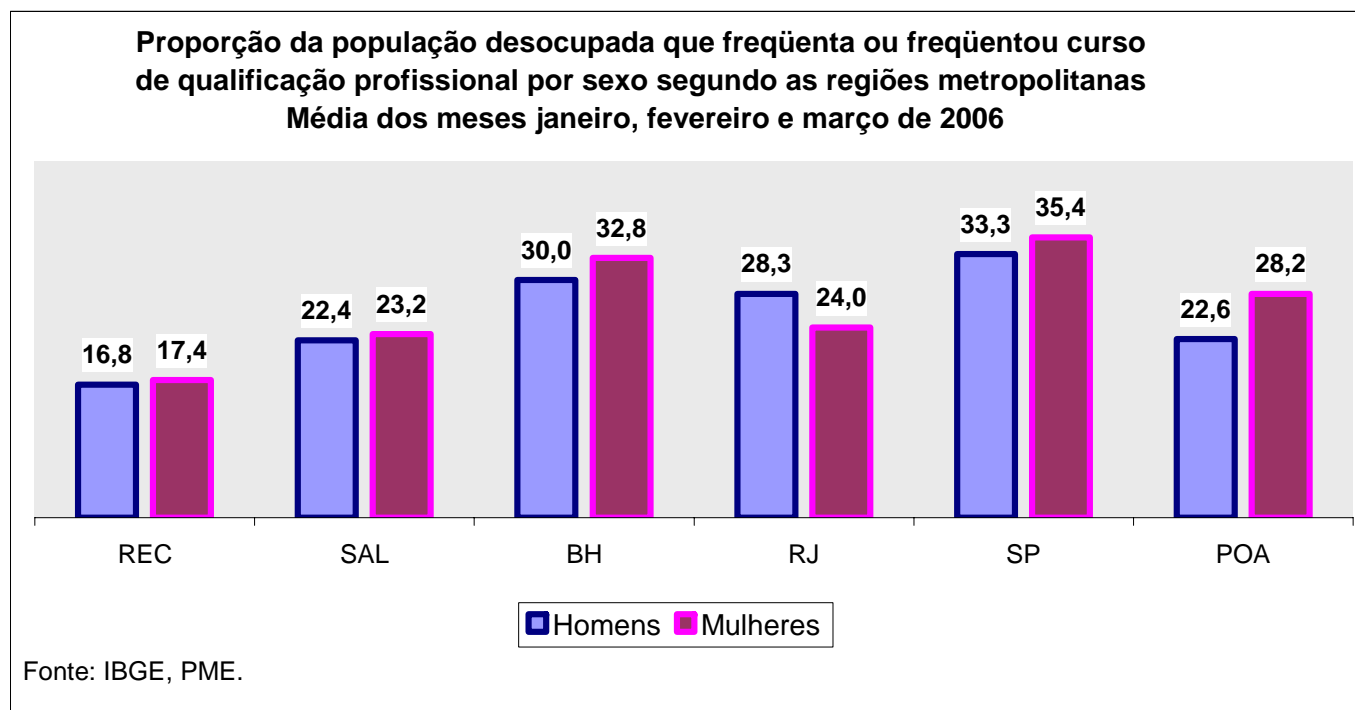
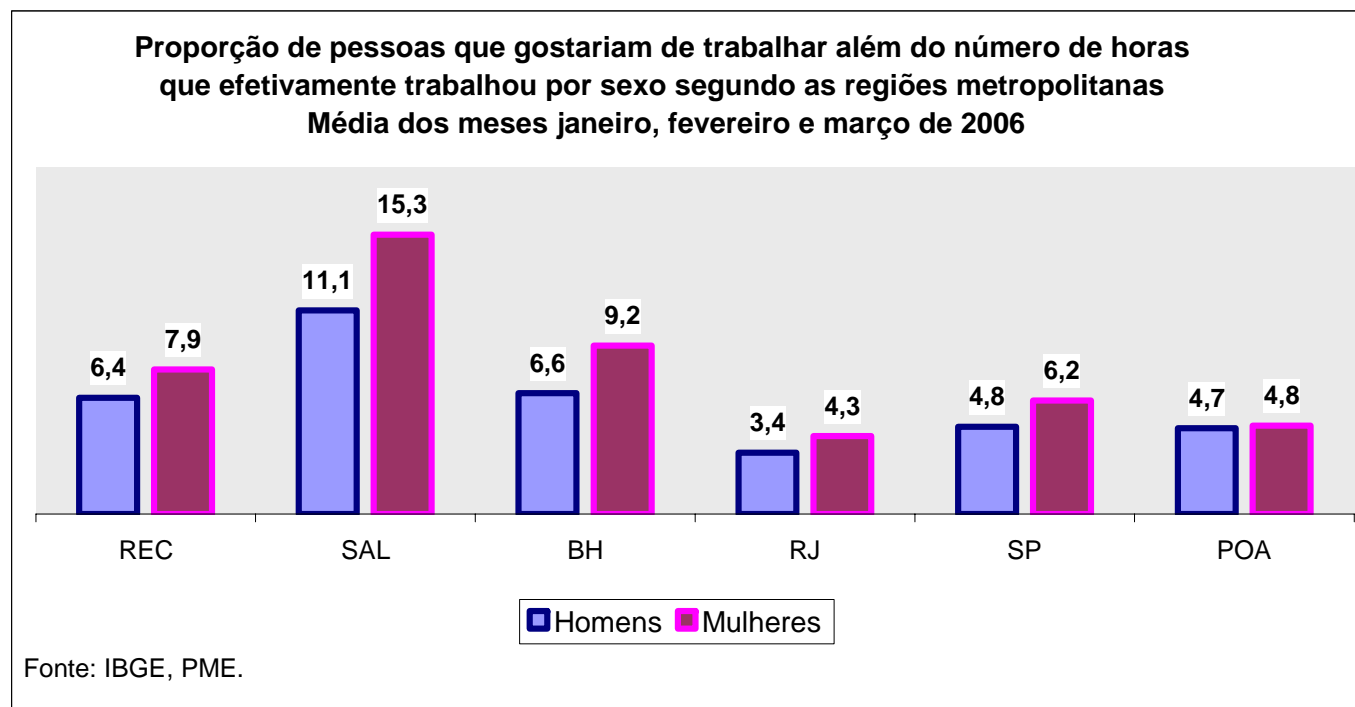


Gráfico 39:



A RM de Salvador é a região que apresenta a maior proporção de pessoas que gostaria de trabalhar além do número de horas que efetivamente trabalhou (11,1% para os homens e 15,3% para as mulheres). Em todas as RMs houve uma redução da proporção de mulheres nesta condição, com exceção da RM de Salvador (Gráfico 39). Com relação a proporção de pessoas que não procuraram trabalho e gostariam de trabalhar, as maiores proporções entre as mulheres se encontravam nas RM de Recife e Salvador (21,9%) (Gráfico 40).

Gráfico 40:

